

Territórios da Memória



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Territórios da memória [livro eletrônico] /
[organização Ramas Poéticas]. -- 1. ed. --
Florianópolis, SC : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-01-68389-8

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
2. Artes visuais 3. Cultura I. Ramas Poéticas.

25-300684.0

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas 730

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Territórios da Memória

/ RAMAS POÉTICAS /

Apresentação Institucional

Museu Victor Meirelles

O Museu Victor Meirelles (MVM), unidade vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/Minc), tem como missão estimular a reflexão e a experimentação no campo das artes visuais e do patrimônio cultural, por meio da preservação, pesquisa e difusão do patrimônio artístico de Victor Meirelles e de bens culturais relacionados. Localizado no Centro Histórico de Florianópolis, em Santa Catarina, o MVM ocupa a casa onde viveu o pintor Victor Meirelles de Lima (1832-1903), um dos nomes mais representativos da pintura acadêmica brasileira do século XIX. Tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o edifício que abriga o museu constitui-se como um espaço de memória e, ao mesmo tempo, de diálogo permanente com a produção artística contemporânea.

A instituição, ao longo de sua trajetória, vem se consolidando como centro de referência, debate e formação em artes visuais, ampliando suas ações para além da preservação e difusão do legado de Victor Meirelles, e promovendo o encontro entre tradição e contemporaneidade. Nesse sentido, o museu mantém uma sala destinada às exposições temporárias, criada com o objetivo de dinamizar sua programação cultural, estimular a produção artística atual e fortalecer a interlocução com a comunidade. As convocatórias anuais para exposições reforçam essa vocação, abrindo espaço para projetos que dialogam com as questões do presente e contribuem para a circulação de diferentes linguagens artísticas.

Aberta a artistas e coletivos, brasileiros ou estrangeiros, maiores de 18 anos, a seleção prioriza propostas inéditas — das quais, no mínimo, dois terços das obras devem ser apresentadas pela primeira vez. A escolha dos projetos é realizada por uma comissão curatorial composta por profissionais de reconhecida atuação no campo das artes e por servidores do IBRAM/MVM, assegurando diversidade de olhares e critérios de qualidade. Entre os aspectos avaliados estão a adequação ao espaço expositivo, a originalidade e a qualidade técnica das propostas, bem como o compromisso com a inclusão e a diversidade, contemplando artistas negros, indígenas e quilombolas, abordagens voltadas a gênero, raça e etnia, iniciativas acessíveis a diferentes públicos e projetos direcionados ao público escolar e infantil.

Dessa forma, a convocatória reafirma a vocação do Museu Victor Meirelles como espaço de experimentação, escuta e circulação da arte contemporânea, estimulando a criação e a valorização de diferentes linguagens, narrativas e contextos sociais.

Uma das vencedoras da convocatória do ano de 2025, a mostra Territórios da Memória, exposição coletiva do grupo Ramas Poéticas, reúne artistas vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, em diferentes etapas de formação e atuação. O projeto, originado no ambiente acadêmico, ultrapassa os limites da pesquisa universitária para afirmar-se como uma experiência poética e política, baseada em trocas horizontais e no entrelaçamento de afetos, práticas e reflexões.

Com Territórios da Memória, o Museu Victor Meirelles reafirma seu compromisso com a preservação do patrimônio cultural e com a promoção da arte contemporânea, reforçando sua vocação como espaço de encontro entre passado e presente, memória e criação, patrimônio e experimentação.

Texto curatorial

Silvana Macêdo

A exposição Territórios da Memória reúne trabalhos de artistas oriundas/os/es de diversas partes do território Ladino Amefricano, desde Cuba ao Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil, que refletem sobre as marcas desses lugares de origem na memória dos corpos que se deslocam por diferentes paisagens. Os trabalhos aqui apresentados concebem os territórios da memória, como espaços tanto internos como externos e intimamente entrelaçados, pois as experiências vividas se dão em contextos geopolíticos e sociais específicos. As produções de cunho autobiográfico desta exposição evidenciam questões de gênero, étnico-raciais, sexualidade, classe, migrações e regionalidade, a partir do Sul Global.

Entre arquivos fotográficos e livros de artista, pinturas, esculturas e ladrilhos, palavras, imagens e sons, bordados e vídeos, mergulhamos em narrativas íntimas encharcadas de outras vidas. Algumas artistas resgatam trajetórias de suas ancestrais por entre afetos ora rígidos e dolorosos, ora macios como tecidos de cetim, ou se escutando ao redor do fogo, dão corpo a histórias antes silenciadas. Outros congregam forças entre corpos que se transformam. A casa da memória é repleta de vidas, por entre cômodos vazios há tempos habitados. Panos de prato manchados de violências, a cena doméstica abarca corpos de mulheres que costuraram, criaram filhos e teceram mundos. Paredes de onde emergem peitos e dedos convidativos, brotam sons e sonhos do que se pode vir a ser. A casa é o corpo. A barriga a primeira casa, o coração o primeiro lar.

Em incursões nos vastos territórios da memória, as narrativas de vida ganham contornos revelando aquilo que não se pôde mostrar de outro jeito. Corpos que se deslocam para nossa casa maior, e abraçam campos e florestas num desejo de reatar vínculos com ancestralidades mais antigas e seus saberes. Relembrar nosso pertencimento com a grande rede da vida, é um ato de enfrentamento contra a monocultura do pensamento colonizador patriarcal racista. Essas são algumas das inquietações que nos movem como artistas do Grupo de Estudos Ramas Poéticas, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Territórios da Memória

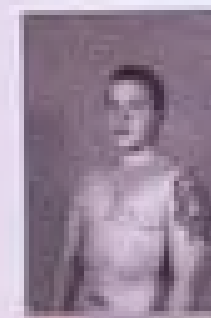
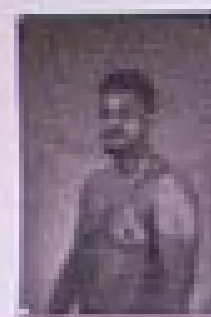
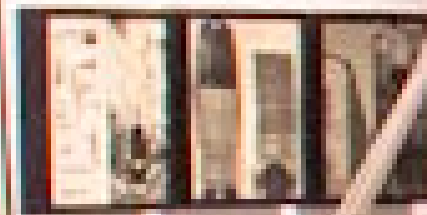
COLEÇÃO DE ARTEFATOS
Uma coleção de objetos e documentos que contam a história da cidade de São Paulo, desde o período colonial até o presente. A coleção é composta por objetos de uso cotidiano, documentos e fotografias que representam diferentes aspectos da vida da cidade.

COMISSÃO
Curadoria

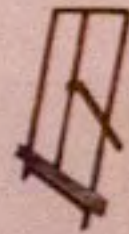
Este projeto tem como objetivo apresentar a história da cidade de São Paulo através de objetos e documentos. A coleção é composta por objetos de uso cotidiano, documentos e fotografias que representam diferentes aspectos da vida da cidade.













Territórios da Memória

COLETIVO RAMAS POÉTICAS:

ciber_org; Damiana Bregalda; Dalva França de Assis; Eva Alves Lacerda; Geórgia Mendes; Isabela Picheth; Kamile Hannah Freire; Livia Auler; Mariurka Maturell Ruiz; Matheus Solar; Monique Burigo; Silvana Macêdo

CURADORIA:

Silvana Macêdo

Texto Curatorial

Esta mostra reúne trabalhos de artistas oriundas/os/es de diversas partes do território Ladino Amefricano, desde Cuba ao Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil. As obras apresentadas concebem os territórios da memória como espaços tanto internos como externos e intimamente entrelaçados, pois as experiências vividas se dão em contextos geopolíticos e sociais específicos. As produções de cunho autobiográfico desta exposição evidenciam questões de gênero, étnico-raciais, sexualidade, classe, migrações e regionalidade, a partir do Sul Global.

Entre arquivos fotográficos e livros de artista, pinturas, esculturas e ladrilhos, palavras, imagens e sons, bordados e vídeos, mergulhamos em narrativas íntimas encharcadas de outras vidas. Algumas artistas resgatam trajetórias de suas ancestrais por entre afetos ora rígidos e dolorosos, ora macios como tecidos de cetim, ou se escutando ao redor do fogo, dão corpo a histórias antes silenciadas. Outros congregam forças entre corpos que se trans-formam. A casa da memória é repleta de vidas, por entre cômodos vazios há tempos habitados. Panos de prato manchados de violências, a cena doméstica abarca corpos de mulheres que costuraram, criaram filhos e teceram mundos. Das paredes emergem peitos e dedos convidativos, brotam sons e sonhos do que se pode vir a ser. A casa é o corpo. A barriga a primeira casa, o coração o primeiro lar.

Em incursões nos vastos territórios da memória, as narrativas de vida ganham contornos poéticos expandidos. Corpos que se deslocam, abraçam campos e florestas num desejo de reatar vínculos com ancestralidades mais antigas e seus saberes. Relembrar nosso pertencimento com a grande rede da vida é um ato de enfrentamento contra a monocultura do pensamento colonizador patriarcal racista. Essas são algumas das inquietações que nos movem como artistas do Grupo de Estudos Ramas Poéticas – Articulações Poéticas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



Araucária Angustifolia remanescens

2021

Damiana Bregalda

Técnica: Sobreposição digital de fotografias. Impressão sobre papel papel Hanh mühle Matt Fibre.

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: A pesquisa para esta imagem acompanhou a transformação da paisagem onde viveram os avós da artista (em Parai-RS) decorrente da venda da terra e de sua conversão de abrigo de múltiplas espécies a monocultura de soja. A araucária foi a única espécie preservada, por ser protegida por lei.





Mineração em colônias paraiensis

2021

Damiana Bregalda

Técnica: Sobreposição digital de fotografias.
Impressão sobre papel papel Hanhnmühle Matt Fibre.

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: Neste trabalho, como no anterior, uma imagem de corpo feminino é sobreposta à imagem de um território (aqui de extração de basalto - rocha ígnea eruptiva), evocando o processo histórico-capitalista e colonizador de exploração de corpos de mulheres e de territórios. As duas imagens são parte da série “Extrativismos”.





Floema

2020

Damiana Bregalda

Técnica: Livro de artista

Dimensões: 14x22cm

Acesso: [Livro Florema](#)

Sinopse: “Floema” é um projeto artístico autobiográfico e antropológico iniciado em 2020 e também o nome desta obra, um livro de artista elaborado a partir de metodologia colaborativa com pessoas, plantas, rochas e terras. A pesquisa teve início em Paráí-RS, território de infância da artista, e segue em desdobramento num processo que busca refletir sobre modos diversos de habitar e produzir mundo, sobretudo aqueles das epistemologias relacionais indígenas e de outros povos tradicionais e o da branquitude moderno-ocidental.





Corpo de água sob o abismo. A água é

algum
memórias.
naram antes.
Pulação. Não.
su, su, su, su, su.





Foliar

2023/2024

Silvana Macêdo

Técnica: 9 Pinturas de nankins/ papel de algodão, tamanho A4 cada.
9 Pinturas com chá das 9 árvores s/ papel de algodão, tamanho A3 cada.

Dimensões: tamanhos variáveis

Sinopse: A série Foliar reúne pinturas de partes do corpo humano e de folhas de nove espécies de árvores medicinais amazônicas: Breuzinho (protium spp.), Samaúma (ceiba pentandra), Apuí (ficus spp.), Castanheira (bertholletia excelsa), Pau D'Arco (handroanthus impetiginosus), Imburana de Cheiro (amburana spp.), Mulateiro (calycophyllum spruceanum), Massaranduba (manilkara bidentata) e Carapanaúba (aspidosperma nitidum). Cada planta tem propriedades terapêuticas múltiplas, mas foram selecionadas correspondências entre as espécies retratadas e as partes do corpo da artista atingidas pela doença autoimune Lupus. As pinturas compõem o livro de artista de cunho autobiográfico que acompanha a série. Junto com essas pinturas, apresento o Manto, uma peça vestível usada no encontro com cada uma das árvores em seu habitat natural na floresta Amazônica.







Manto

2023

Silvana Macêdo

Técnica: Manto de tela de algodão, impressões botânicas e bordado sobre tela de algodão com tingimento natural. (Cúrcuma, Jatobá, Urucum, Erva Mate)

Dimensões: 110 x 127 cm cada. Frente e verso.



Corpo-Floresta: jogos da memória 2024

Silvana Macêdo

Técnica: Livro de artista

Dimensões: 10 x 15 cm

Tiragem: 100 exemplares

Sinopse: O livro de artista Corpo-Floresta: jogos da memória resulta do meu encontro com a medicina da floresta, num momento em que busco mais uma vez pelo restabelecimento da minha saúde. Junto com o tratamento alopático para o Lúpus, comecei a usar as tinturas e chás das espécies que eu estava pesquisando no meu projeto artístico. Então, além de fotografar, coletar e pintar cada uma das 9 árvores, o encontro com elas se deu também a nível intracelular.

Assim o livro surge dos jogos da memória do corpo-floresta. Cada planta tem propriedades terapêuticas múltiplas, mas selecionei as correspondências entre as espécies estudadas e as partes do meu corpo que precisam de cura no momento, para compor as duplas de cartas em um jogo. Trata-se de um livro autobiográfico, carrega também essa memória e dissemina os saberes ribeirinhos acerca dessa medicina ancestral, que é passada de boca a ouvido de uma geração a outra.







SISTEMA NERVOSO

Afeto Rígido

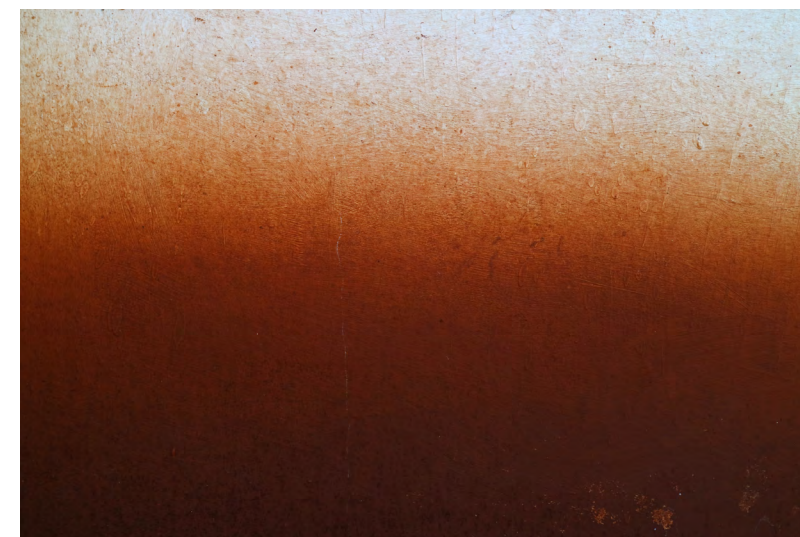
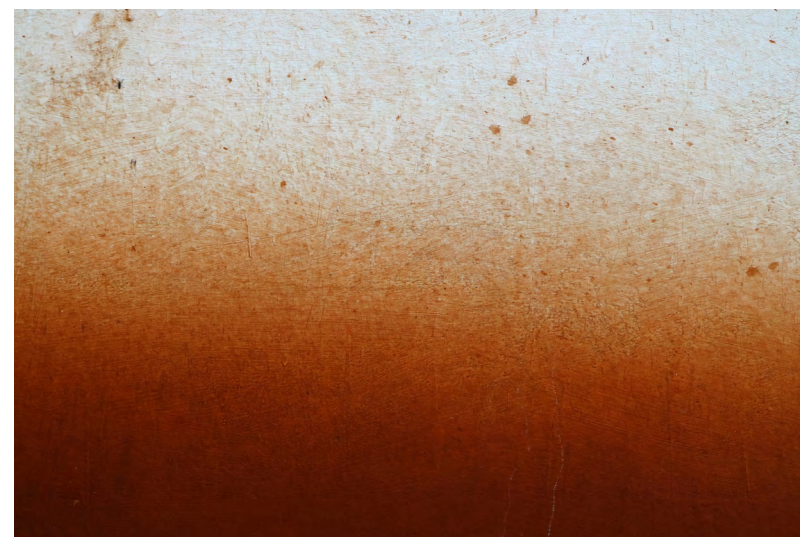
Série, 2018-2021

Livia Auler

Sinopse: Afeto Rígido fala sobre a minha avó materna.

Na verdade, usa apenas fragmentos da história dela, a partir de minha perspectiva, para falar sobre como nossa sociedade patriarcal tratou (e trata) muitas mulheres. O cenário principal das fotografias é a fazenda da família (Vitória das Missões/RS), onde minha avó nasceu e viveu. Um local totalmente imerso nas tradições gauchescas, onde sempre esteve em voga a desvalorização da mulher - assim como a desvalorização da fêmea de qualquer espécie. A terra naturalmente vermelha, que, neste caso, carrega tanto sangue e sufocamento, permeia as imagens e é um dos fios condutores artísticos deste trabalho.

11 fotografias digitais impressas
sobre placas de PVC
Dimensões variadas



Afeto Rígido

Série, 2018-2021

Livia Auler

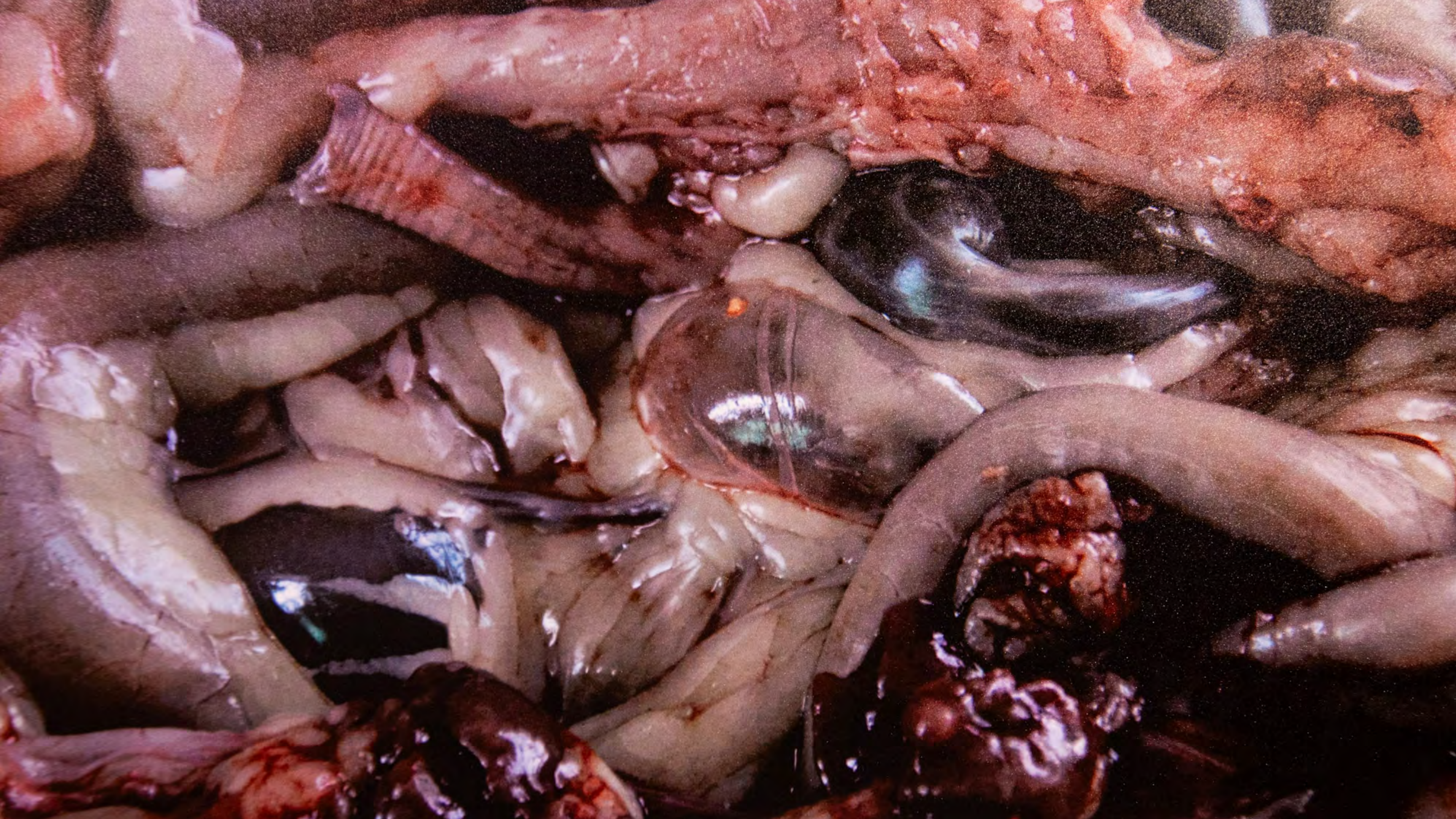
Sinopse: Uma prancheta com fotografias e documentos, que pode ser manuseada, também faz parte da instalação. Os documentos tratam-se de laudos psiquiátricos que encontrei ao procurar arquivos sobre internações da minha avó no Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre/RS. Nesses registros, descobri coisas como: ela era sempre internada pelo meu avô, de forma involuntária; os motivos da internação tinham relação com ciúme, afeto rígido e não fazer direito o trabalho doméstico.

Prancheta com documentos e
fotografias impressas sobre papel
30x20cm





Obra
Manipulável





...o verso)

sair da lo-
ca de familiares.
ado o marido, pro o
on, desemprego não quer o
para uma; hora sem mit. no;
se que para prime e não tem ca...

OS CONSIGNADOS NO EXAME DO PACIENTE (caso necessário utilize o verso) →

Calura, quiet. e lúida.

Gravida. Veris pra coagular.

"Incongrua - n" muito no ser.
Depois faz pouco caso de ti.

Concepção do marido. Quer tam
converção de sua força.

V - DESTINO INDICADO

Baixa para observações na

VI - PRESCRIÇÃO INICIAL

[Signature]

Afeto Rígido

2020

Livia Auler

Técnica: Vídeo

Duração: 17min22s

Acesso: [Vídeo Afeto Rígido](#)

Sinopse: O projeto também conta com um vídeo de 17min22s. Assim como as fotografias, as imagens em vídeo também foram feitas na fazenda, em Vitória das Missões/RS. A terra vermelha, assim como os animais, são os elementos centrais dos registros apresentados. Além do som ambiente, são sobrepostos áudios de uma entrevista que realizei com a irmã de minha avó e também momentos em que eu leio os laudos psiquiátricos.







Obra
Manipulável



A Criação

Série “O Retorno de Saturno”, 2024

Matheus Solar

Técnica: Fotografia Digital
Impressão Fine Art. Tinta mineral s/ papel algodão

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: A gaiola não aprisiona um pássaro, mas a própria identidade. O corpo morto, o pássaro que não voa mais. Do outro lado, a reprodução do silêncio: um jovem criado, mas também cativo – pela tradição, pela moral, pela classe, pelo gênero, pelo sistema que o designa. A criação, aqui, não é gesto divino, é ato social. Uma tentativa de tornar visível o que nos aprisiona no intuito de perceber nossas jaulas para, então, poder desconstruí-las.





O Retorno de Saturno

Série, 2024

Matheus Solar

Sinopse: A série O Retorno de Saturno marca um movimento de retorno simbólico e afetivo à minha terra de origem, o cerrado goiano. Um território que não é assumido apenas como um cenário, mas sim como um elemento deflagrador de poéticas e de processos criativos. Este trabalho foi realizado em parceria com os meus familiares e representa o encontro de gerações que revisitam o passado em busca de pensar problemáticas latentes do presente. A partir de memórias, ruínas, objetos domésticos e rituais cotidianos, construímos uma espécie de arqueologia que buscou investigar memórias pessoais e coletivas atravessadas por experiências de classe, deslocamento e ancestralidade articulando uma poética visual que entrelaça autobiografia e crítica social através da mistura de elementos íntimos e públicos nas figuras da casa, da cidade, do trabalho e da terra de origem.

Ficha Técnica:

O Trabalho
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm

O Sustento
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm

A Casa
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm









Tostões Furados ou Pecados Capitais

2025

Matheus Solar

Técnica: Objeto. Prato de ferro esmaltado branco desgastado e moedas da república velha.

Dimensões: 20x20x4,5cm

Sinopse: A luta cotidiana pela sobrevivência. Um pensamento tridimensional. Uma sensação recorrente de insatisfação com a capitalização da vida. Come-se dinheiro, veste-se dinheiro, mora-se a depender do dinheiro. Alguns esbanjam seus pratos cheios de créditos intangíveis. A outros sobram poucas moedas. Para muitos falta. Esta obra é uma crítica visual ao capitalismo que nos obriga a viver juntando moedas em um sistema vampírico que se alimenta da própria vida.





Casa, Território da Memória

2022

Eva Lacerda

Técnica: Livro de artista produzido com pinturas em óleo sobre algodão cru e xerox transferência sobre algodão cru e organza.

Dimensões: 30cmx40cm

Acesso: [Livro Casa, Territórios da Memória](#)

Sinopse: A obra Casa, território da memória é um livro pictórico constituído de pinturas e gravuras que tematizam as casas em que já morei, inclinando-se a uma narrativa autobiográfica contada a partir do afeto do espaço. Palavras, pinturas e gravuras que estabelecem interlocuções com arquivos fotográficos familiares, constroem uma narrativa pessoal a partir da memória do espaço da casa, atravessada pelas relações de gênero e classe que o envolvem.





casa de presenças casa de ausências





Inventário de memórias

2025

Eva Lacerda

Técnica: Instalação de pinturas em óleo e impressão sobre acrílico

Dimensões: Dimensões Variadas

Sinopse: Em Inventário de memórias, produzo um conjunto de pinturas de objetos que carregam memórias autobiográficas. O suporte transparente cria uma silhueta na parede, uma sombra que alude ao passado, um peso, um duplo que vem junto com a coisa. Cada objeto é acompanhado de uma memória escrita que ecoa histórias de mulheres da minha família, vindas de diferentes partes do Brasil, buscando uma casa, um lugar de pertencimento. Atravessada por afetos e desafetos, a relação com a casa é esmiuçada a partir de objetos solitários impregnados de passado.



cidade do Rio de Janeiro
tudo de mais fechadas com galhos e pedras pelo lado
passavam uma espécie de fronteira que separava Paciência da
típica cidade do Rio de Janeiro. Se a casa é também um
porto geográfico em um mapa, a casa da minha avó Laurinda
era um porto navegacional e excluído da cidade. Fico
pensando hoje que paciência era uma qualidade necessária para
morar ali naquela casa, naquele bairro, que talvez explicasse a
existência da sua cadeia de balancetes azuis.



Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs. Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.

Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.



Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.



Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.



Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.

Em 1960, com mais de quarenta anos, ainda não possuía tipo de profissão e atividades durante o dia. Era filho de um casal português, nascido em 1920, em Lisboa. A família era de origem açoriana, com ascendência portuguesa. Tinha quatro irmãos e sete irmãs.



Tecendo redes: Afeto-grafia do (des)encontro 2024

Mariurka Maturell Ruiz

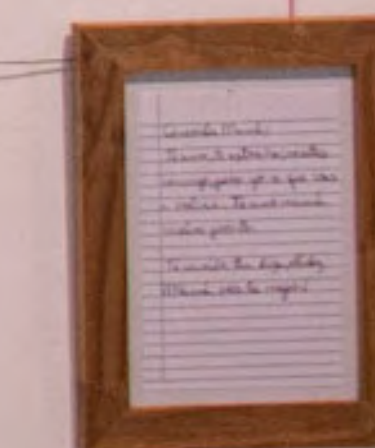
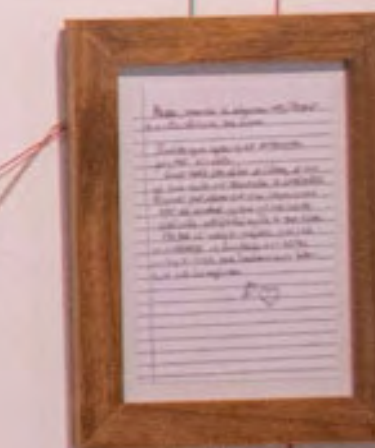
Técnica: Instalação multimídia tecido de algodão branco com bordado e foto-transferência, molduras de documentos e fotografias e fragmentos de áudio

Dimensões: 2m x 1.30m

Sinopse: A instalação “Tecendo redes: Afeto-grafia do (des)encontro” explora as conexões entre geografia, memória e identidade. Utilizando elementos pessoais e familiares, a obra combina bordados de mapas históricos, fotografias, documentos e fragmentos de áudio para traçar as trajetórias migratórias e relações afetivas da artista afro-cubana e sua família. Este trabalho convida o público a refletir sobre as experiências de migração, encontros e desencontros, criando uma narrativa visual e sensorial envolvente.

ÁUDIOS DE AFROCARIBENHOS(AS)
EM GUANTÁNAMO:





Small text block, likely a caption or label, located at the bottom right of the image.

Conste por el presente escrito que concierne al Sr. Reyes León y que
es natural de Puerto Rico y reside en Guantánamo hace mas de vein-
ticinco años a que reside en esta ciudad y es un hombre trabajador y
honrado, y para lo que le pueda servir le firmo el p. presente escrito
en la ciudad de Guantánamo a los veinte días del mes de Septiembre
de 1937.

Antonio Grimal
Antonio Grimal

Festigo
Juan Mollato

Papa, mamá si alguna vez llegan
a entenderme, les amo.

Ojalá que sepas que estamos
puestos en esto.

Que todo los días y llores, y me
y que todo me recuerda a ustedes
Quiero que sepas que mis lagrimas
son de verdad y que yo me siento
ridículo, estúpido ante lo que hice.
Por lo si voy a mejorar por eso
un abrazo y un beso en estos
momentos me hacen un bien
que no imaginas.

D ♥



Escala da violência doméstica no Brasil

2023/2024

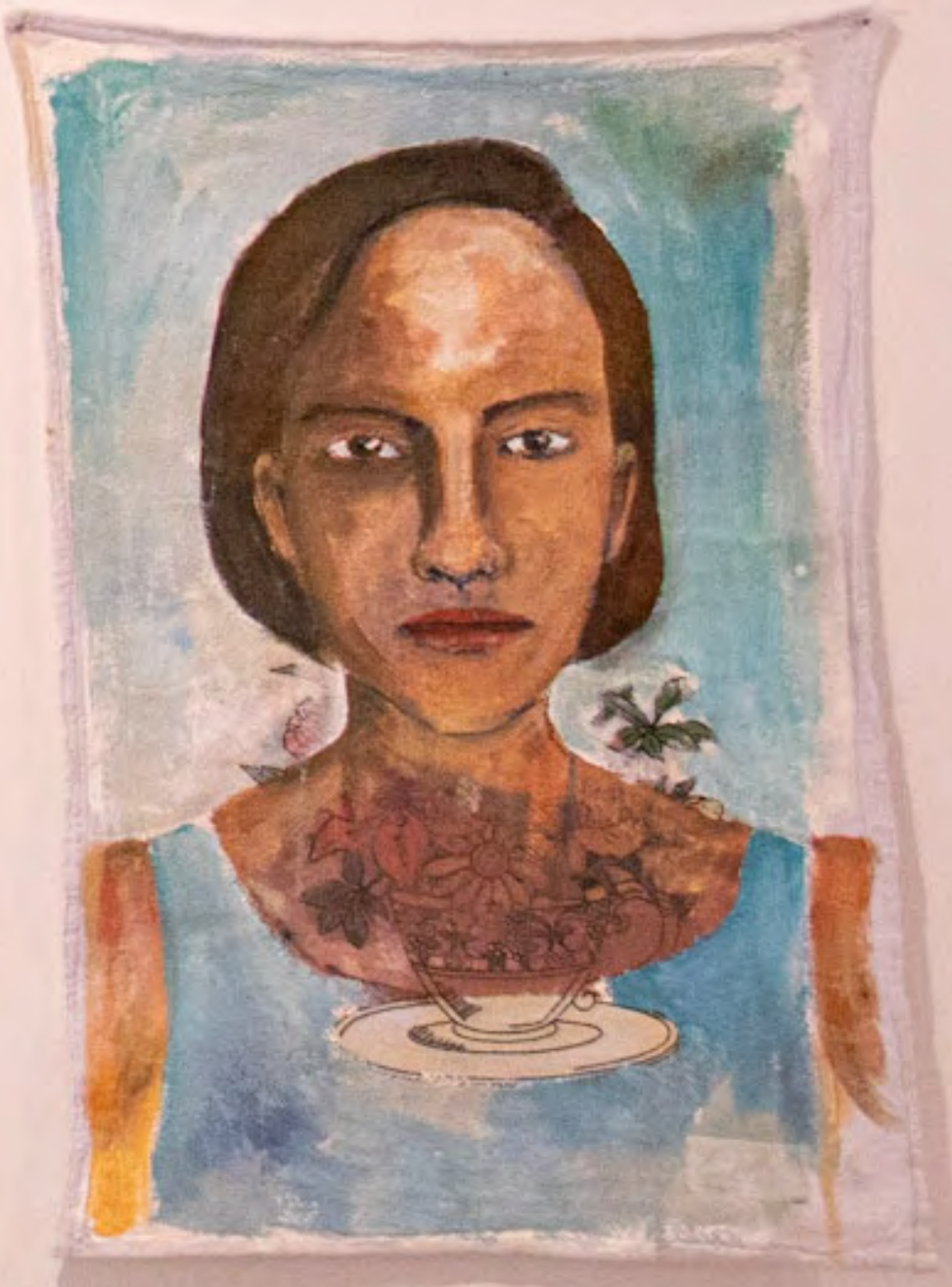
Dalva França de Assis

Técnica: Acrílica sobre pano de prato

Dimensões: 50cm X 75cm (quantidade de panos: 8)

Sinopse: O trabalho “Escala da violência doméstica no Brasil” é uma ação pictórica realizada em panos de prato que aborda as estatísticas do aumento da violência doméstica durante o período da pandemia de Covid-19 no Brasil. Os estudos mostraram que as denúncias de violência doméstica aumentaram em todos os estados, principalmente nas regiões periféricas, lugares onde se concentra a maioria das mulheres pretas brasileiras.



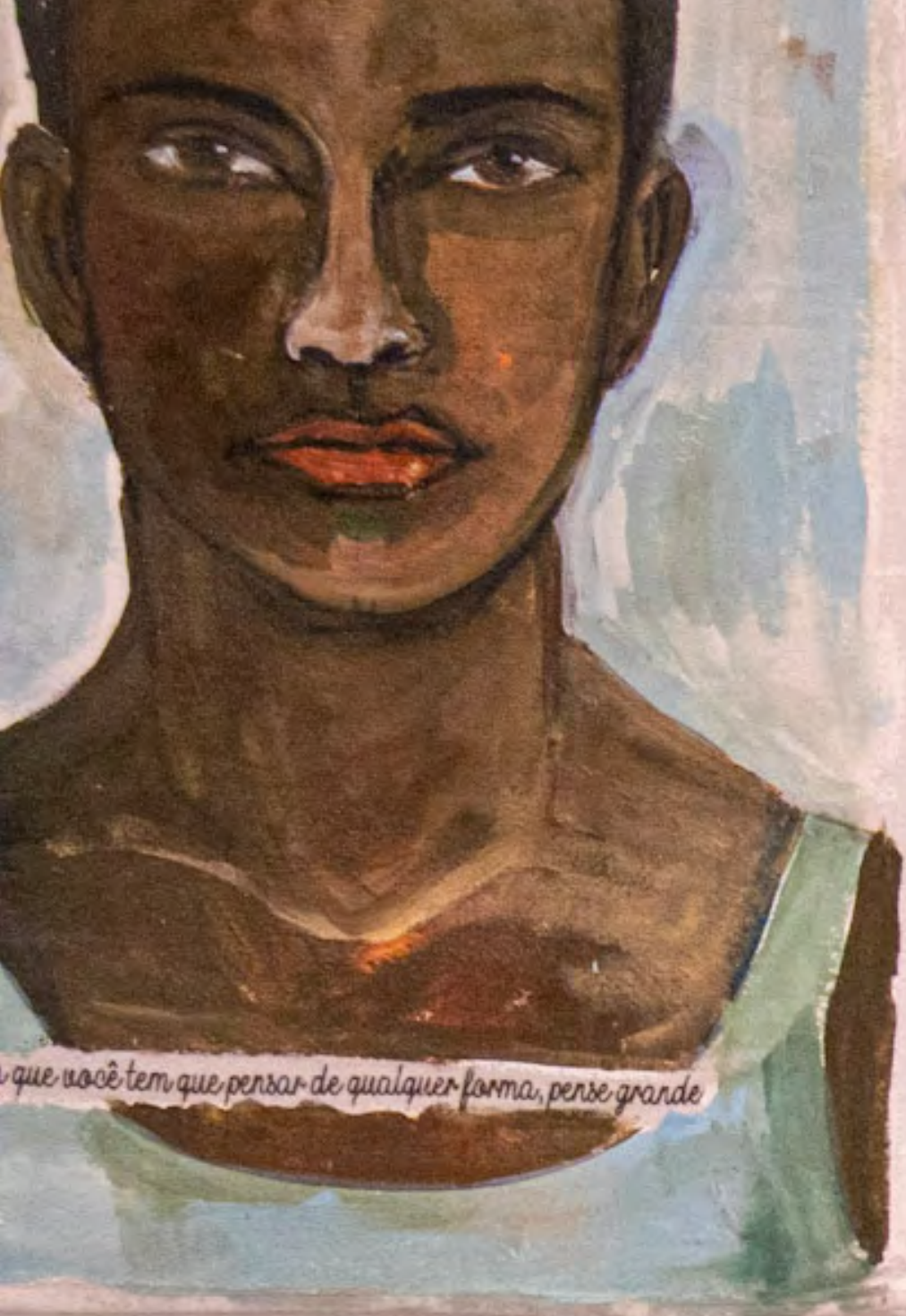


Small text label in the bottom right corner, likely a gallery or artist information.



An abstract artwork featuring a large, irregular, torn-paper-like shape in the center. This shape is filled with a dark, textured brown color, possibly representing a landscape or a close-up of a material. The edges of this central shape are jagged and uneven, revealing a light blue background underneath. The overall composition is layered, with the central brown shape being the most prominent. At the bottom of the central shape, there is a horizontal strip of white paper with a torn edge, containing a handwritten quote in black ink.

Vá que você tem que pensar de qualquer forma, pense grande



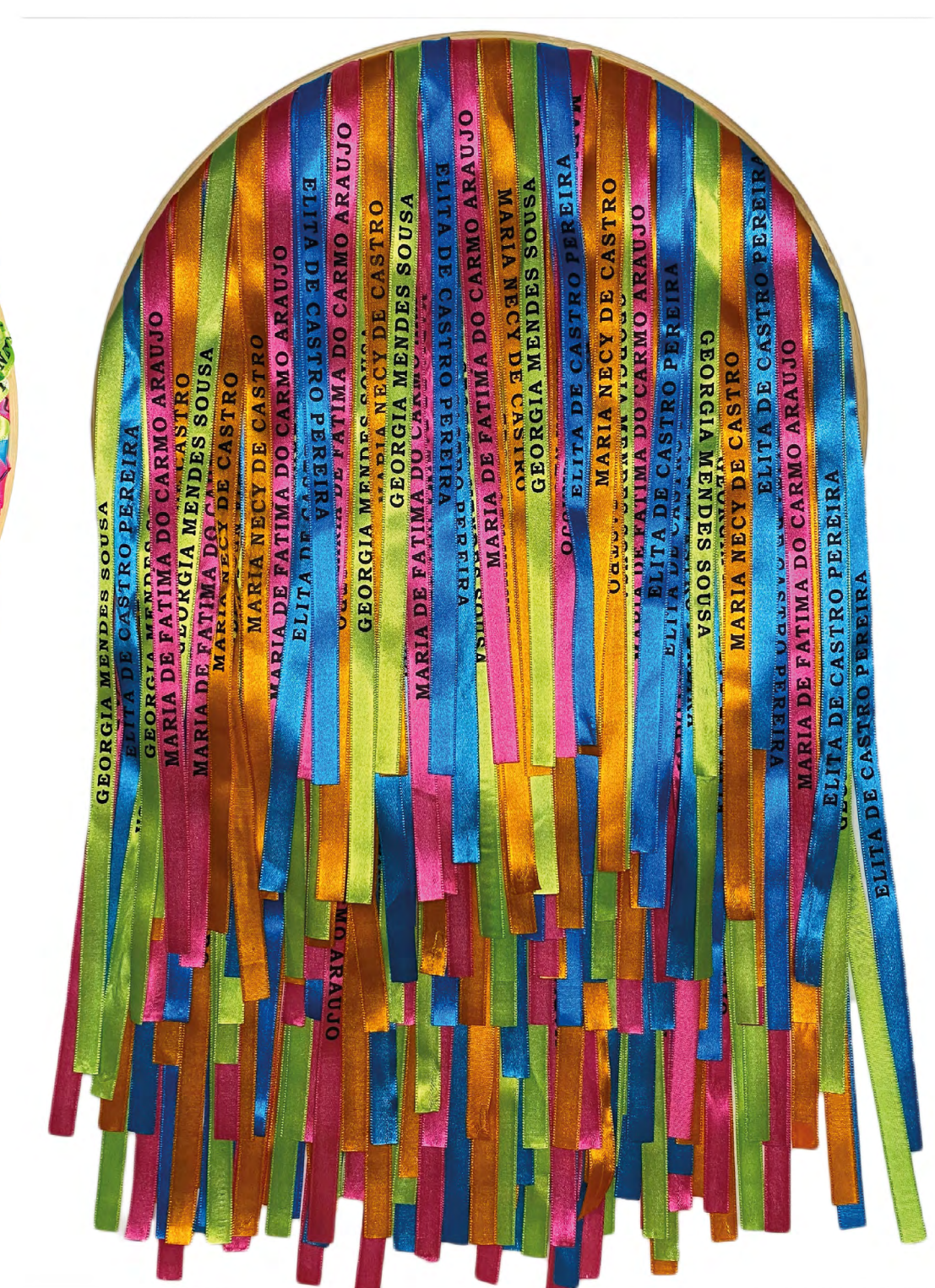
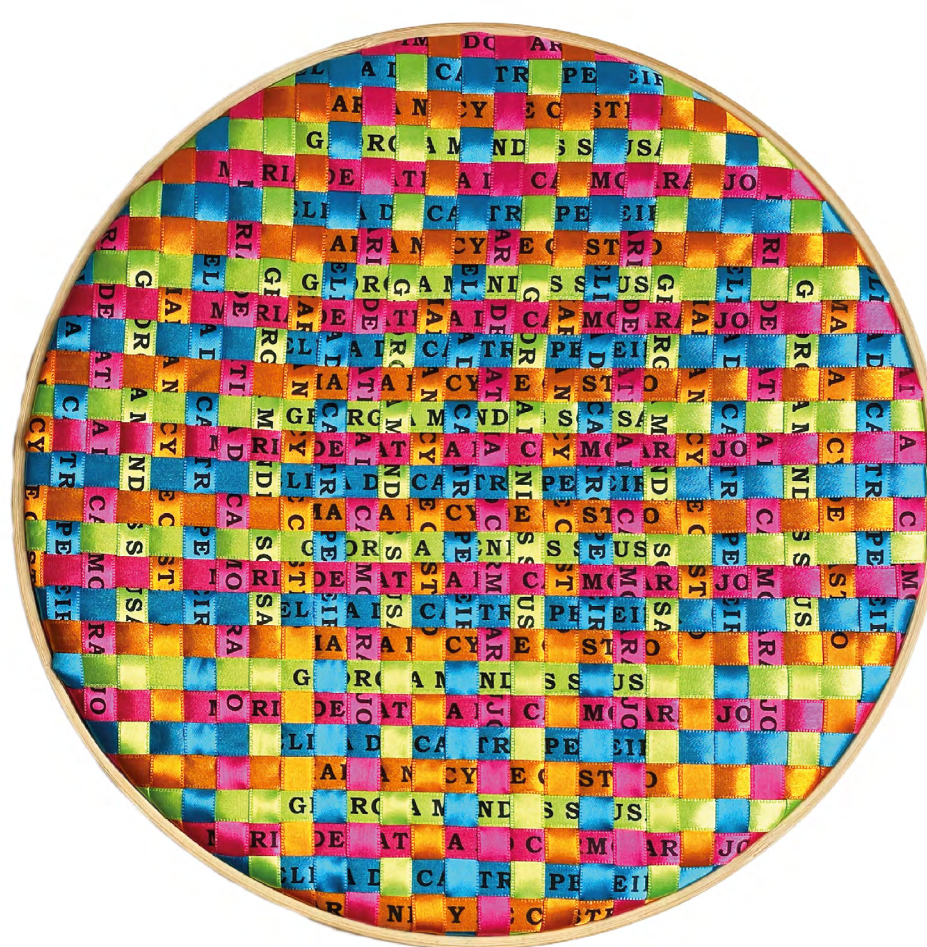
Minhas três avós

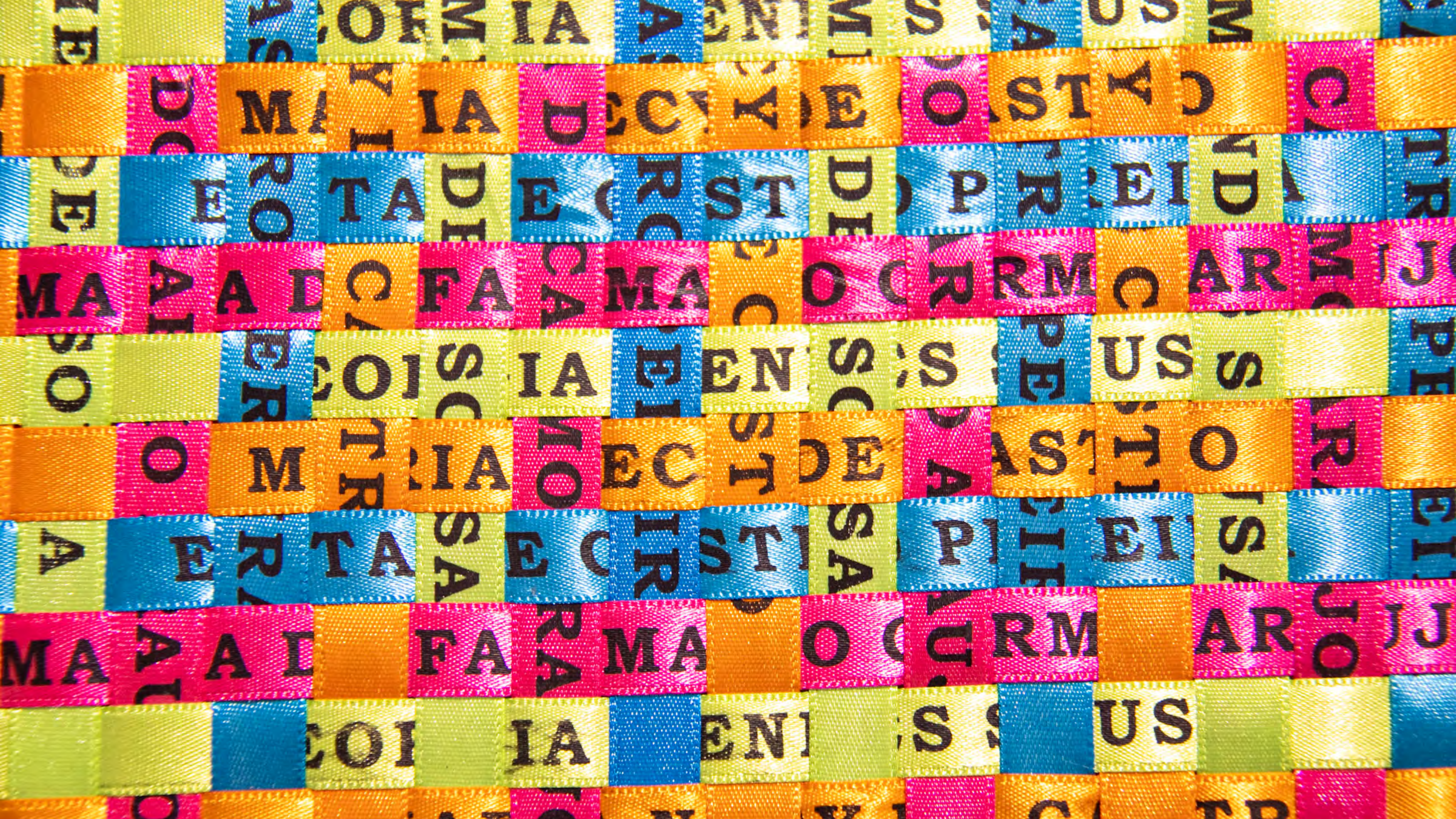
2022

Geórgia Mendes

Técnica: Instalação. três bastidores de bordado e fitas de cetim.
Dimensões: composição total 130 x 30 cm (30 cm cada bastidor).

Sinopse: O trabalho “Minhas Três Avós” trata de uma jornada de resgate da história de mulheres artistas e artesãs que, como muitas outras, foram silenciadas pela história da arte. Inspirada pelas reflexões de Ana Paula Simioni, que aponta que as mulheres artistas “não possuem biografias, não deixaram registros memoráveis, logo, não pertencem à história”, e por Ana Mae Barbosa, que destaca o preconceito de classe que impôs um segundo apagamento às artesãs pobres, a artista tece uma narrativa íntima e poética. Ela entrelaça sua própria trajetória com a de suas avós, cujas vidas são representadas pelas fitas coloridas da instalação: Maria de Fátima do Carmo Araújo (cor rosa), que, após a separação, sustentou sozinha as duas filhas com costura e ponto cruz; Maria Nely de Castro (cor laranja), que, também separada, trabalhou com crochê e costura, mas, diante da dificuldade de cuidar sozinha de quatro crianças, enviou os dois filhos mais velhos para os cuidados de sua irmã; e Elita Pereira de Castro (cor azul), que recebeu os dois sobrinhos e, mesmo viúva, os manteve com o trabalho de renda de bilro. Essas mulheres, que nas décadas de 1950 e 1960 eram mães solo ou viúvas, encontraram nas artes aplicadas um meio de sustentar suas famílias e construir suas próprias narrativas. Ao tecer esses trançados de memórias, a artista não apenas as homenageia, mas também reivindica um lugar para elas na história da arte, combatendo os mecanismos de exclusão e invisibilidade.







MARIA DO CARMO ARAUJO
 MARIA MENDES SOUSA
 MARIA DE CASTRO

ARIA NECY DE CASTRO

CASTRO PEREIRA
CASTRO PEREIRA

MARIA DE FÁTIMA DO CARVALHO

GEORGIA MENDES SOUSA

GEORGIA MENDENHALL

ASTRO PEREIRA
ASTRO PEREIRA

MARIA DE FATIMÁ DO

EDYDE CASTRO

GEORGIA MENDI

ARAT

A DE FÁTIMA DO CARMO A

ELITA DE CASTRO PE

MARIA NECY DE

GEORGIA MENDES SOUSA

LITA DE CASTRO PEREIRA

A rede

2024

Geórgia Mendes

Técnica: Instalação. Rede de nylon e fitas de tafetá.

Dimensões: 180 cm x 130 cm

Sinopse: A instalação “A Rede” materializa as conexões entre artistas mulheres brasileiras. A obra é a conclusão visual da pesquisa de mestrado “Nós mulheres artistas: a autobiogeografia para a construção de um lugar de pertencimento”, que mapeou a presença de mulheres em exposições, premiações e bienais no país. Nessa teia de significados, a rede — feita de linhas, espaços vazios e nós físicos — carrega fitas de tafetá carimbadas com os nomes das artistas. As cores das fitas funcionam como um mapa vivo, indicando a origem de cada uma: vermelho para o Sudeste, rosa para o Nordeste, verde para o Norte, laranja para o Centro-Oeste, azul para o Sul e branco para os casos de origem não identificada. Em essência, “A Rede” é um trabalho artístico e político que busca fortalecer a visibilidade e o reconhecimento das artistas mulheres brasileiras, construindo uma narrativa coletiva.



Gracia Moya de Arredondo, artista
madrileña, en Brasil
diseña el arte de la memoria
a través de la memoria de la gente.
El arte es la memoria de la gente.
Gracia Moya de Arredondo
2014



Meu primeiro lar

2023

Kamile Hannah Freire

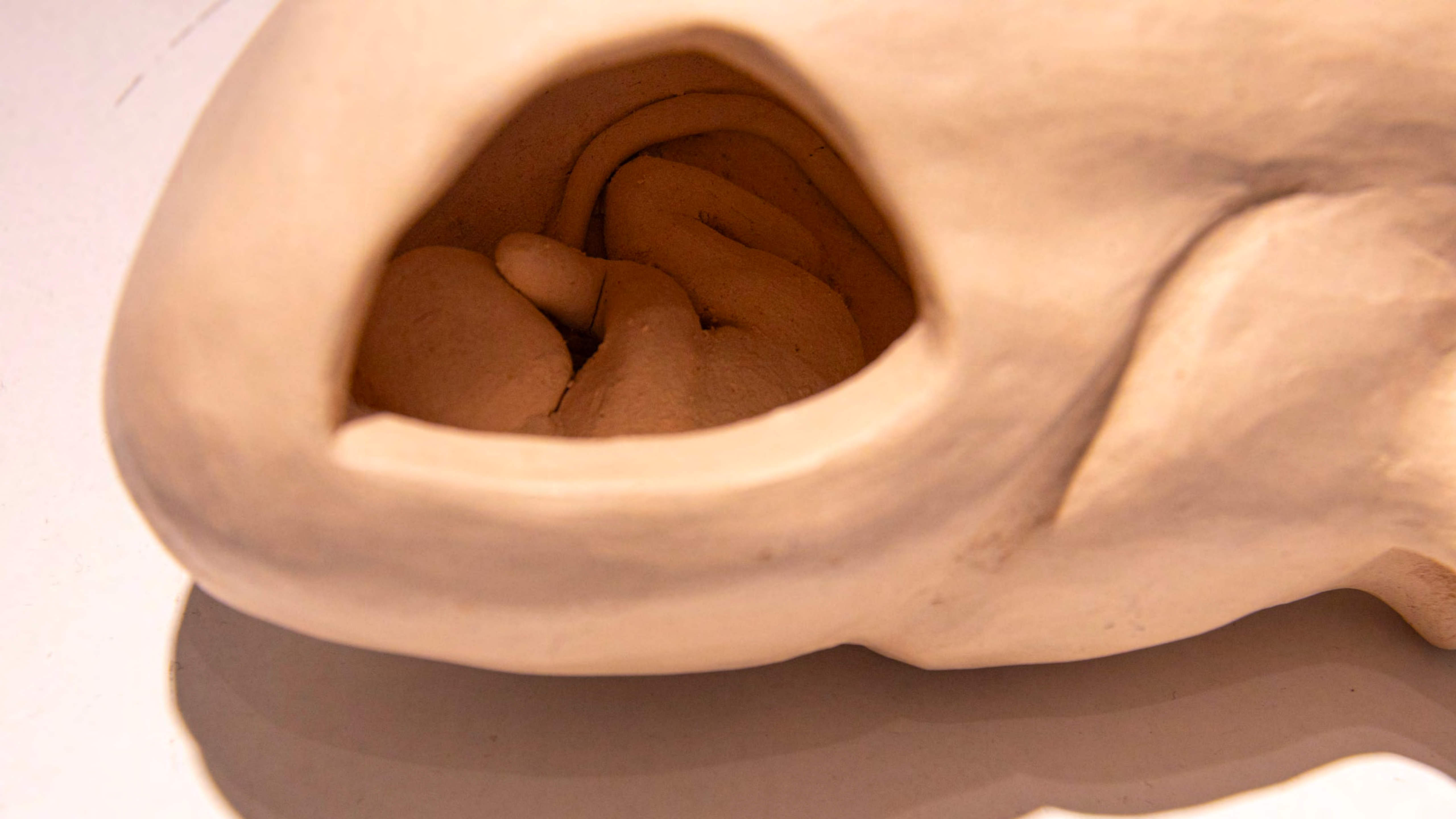
Técnica: Cerâmica

Dimensões: 17,5 x 10

Sinopse: A obra “Meu primeiro lar” nasce de uma experiência de modelagem realizada na graduação, em que a prática de moldar formas despertou a reflexão sobre o que significa habitar. A pergunta que orienta o processo é: “A barriga é nossa primeira casa?” Para muitos, ela pode ser casa e lar ao mesmo tempo, mas essa não é uma regra. No meu caso, como filha adotiva, a barriga foi apenas minha primeira casa, mas meu primeiro lar foi gestado no coração de minha mãe. Sendo assim, a resposta encontrada foi de que a barriga é nossa primeira casa, mas nem sempre é nosso primeiro lar.







O azul da minha pele 2024

Kamile Hannah Freire

Técnica: fototransferência e aquarela em tecido

Dimensões: Dimensões Variáveis

Sinopse: A série “O azul da minha pele” parte de imagens de mulheres da minha família para investigar memória, identidade e negritude. Entre a fotografia em preto e branco e a aquarela em azul sobre tecido, surge uma fusão que não apenas sobrepõe retratos, mas cria um território simbólico onde presença e ausência se encontram. Nesse espaço de atravessamentos, o corpo se torna arquivo vivo e a cor azul se faz linguagem para falar de histórias e pertencimentos.









Ladrilhos (cerâmica branca)

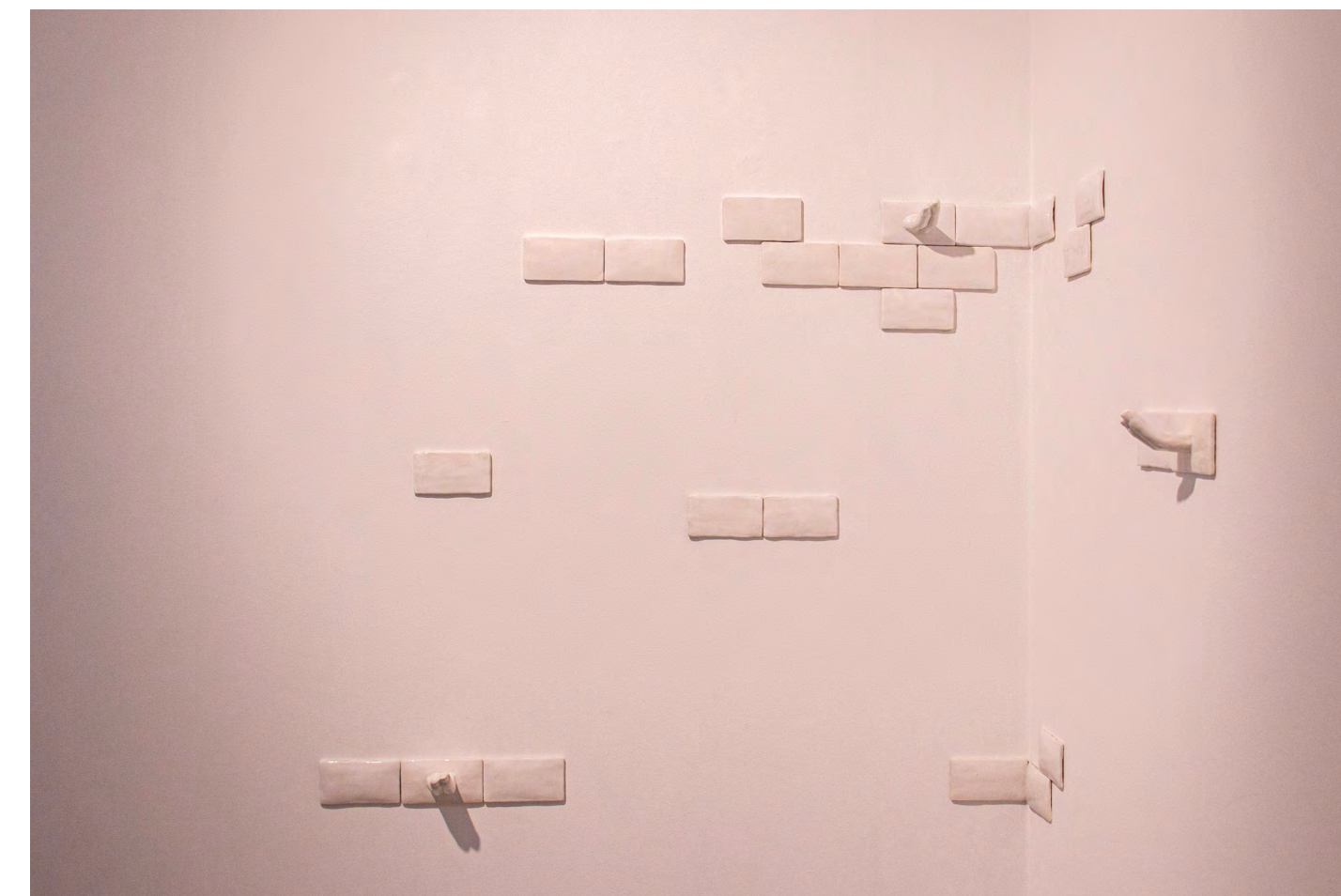
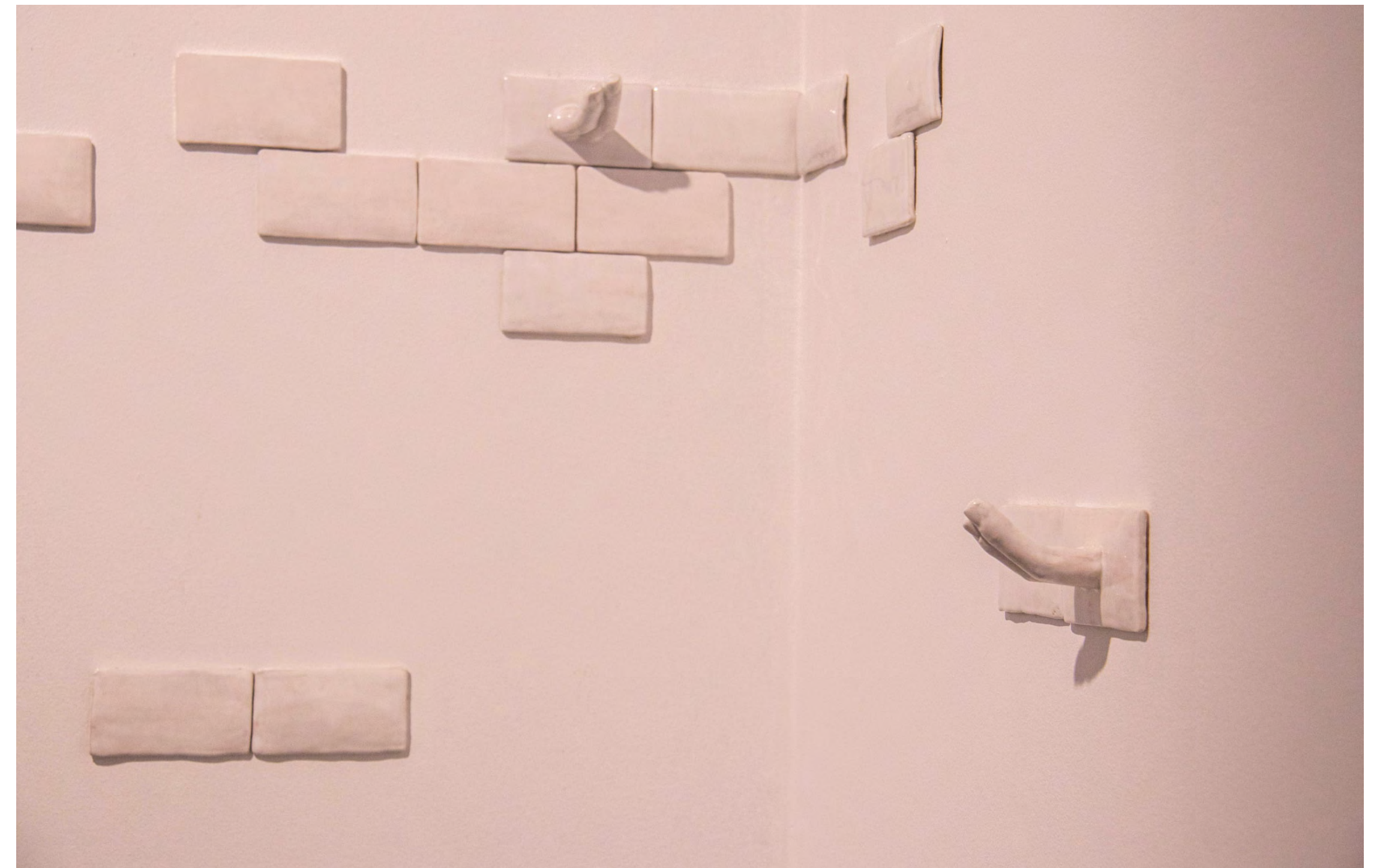
2023

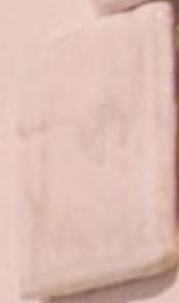
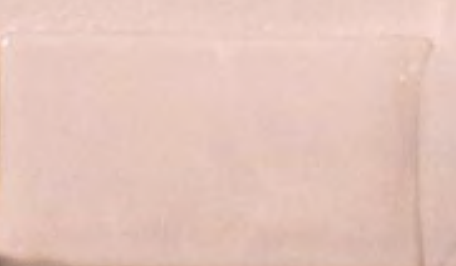
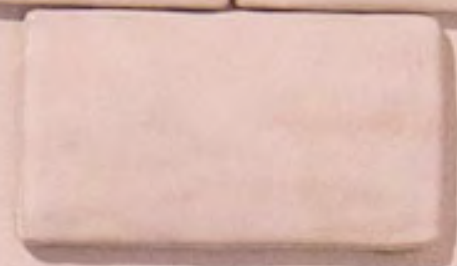
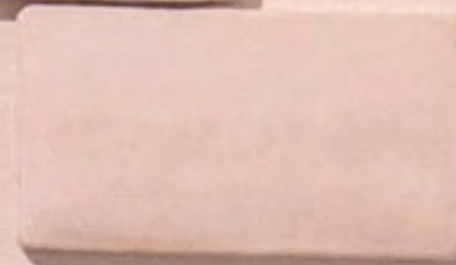
Isabela Picheth

Técnica: Cerâmica

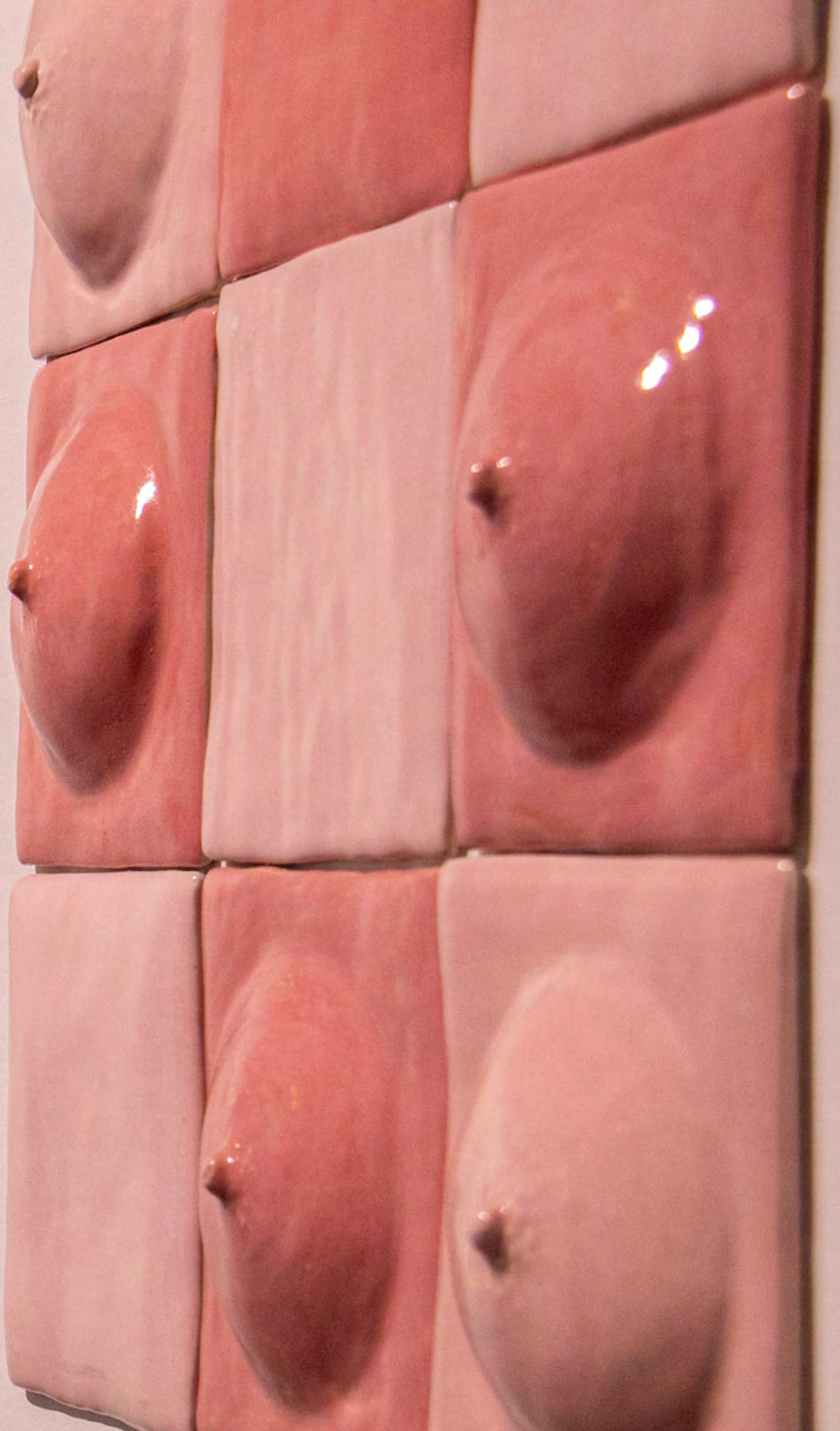
Dimensões: Dimensões variáveis

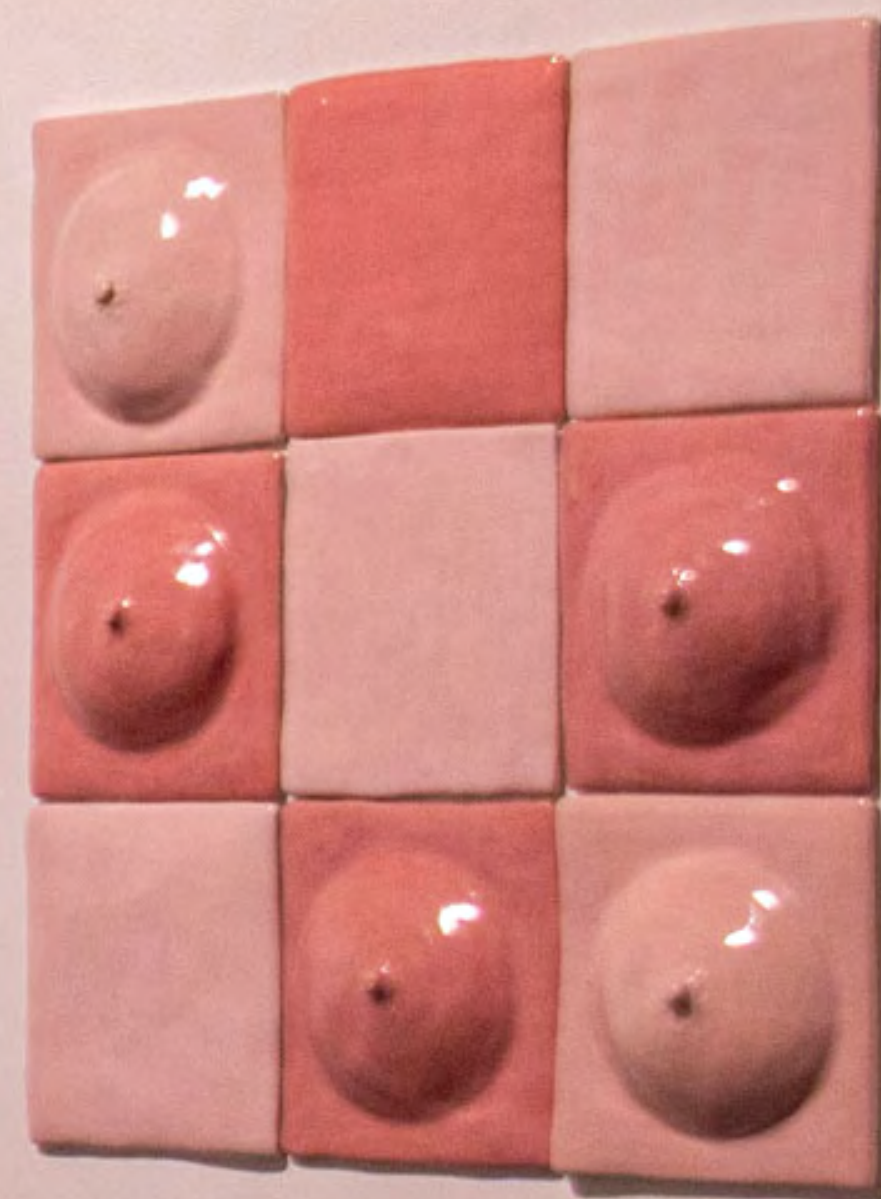
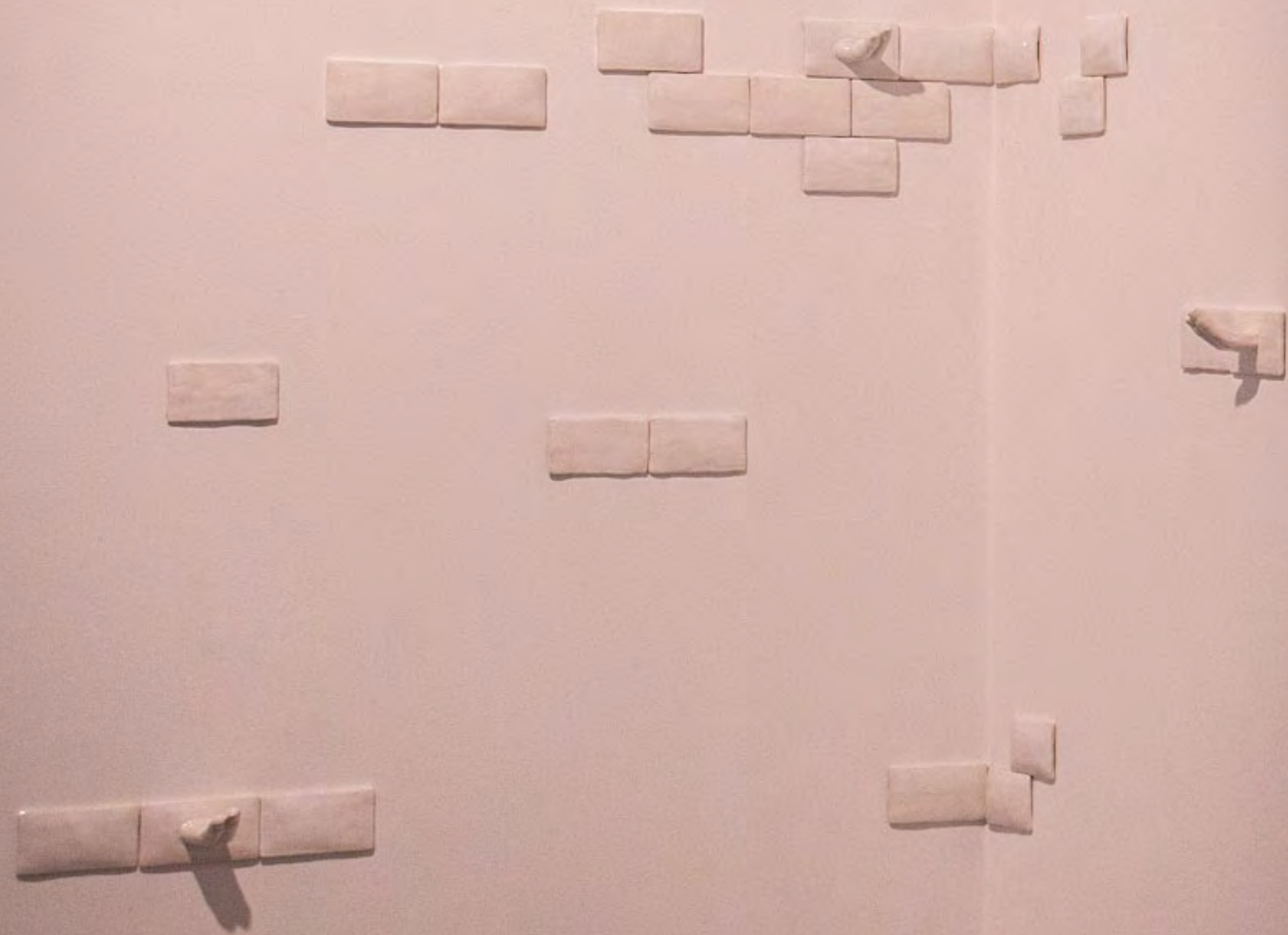
Sinopse: O trabalho “Ladrilhos (cerâmica branca)” é parte de uma pesquisa na qual são desenvolvidas peças em cerâmica, que constroem diálogos entre o espaço da casa e do corpo da artista. Este trabalho é composto por pequenas peças retangulares que remetem a ladrilhos, dentre os quais três deles possuem dois dedos levemente flexionados para cima - resultado do molde do corpo da artista - intercalados com vazios entre outras peças lisas. O trabalho a partir desse diálogo com a casa cria certas fricções do corpo com o ambiente doméstico, suscitando uma certa suspensão, a qual abre para interpretações e reverberações para o espectador, que podem transitar entre a própria sexualidade que o corpo evoca, até as memórias que o espaço da casa trazem.











Língua de Fogo

Série, 2022-2023

Monique Burigo

Técnica: fotografias digitais impressas em papel fineart, com moldura preta

Dimensões: 44,06 x 32,06

Sinopse: Percebo minhas muitas línguas, domesticadas ao longo do tempo, exceto uma: a Língua de Fogo, que emergiu como febre e me levou a criar, em 2021, um projeto de foto-performance e entrevistas com mulheres da minha família, o qual seguiu se desdobrando em outros formatos, como vídeo, livro de artista e performance. Entre memórias, silêncios e vozes, buscamos romper opressões e alimentar juntas uma fogueira coletiva. Fabulamos futuros possíveis, enraizadas no passado e nas histórias das mulheres que vieram antes. As fotografias são parte da série de foto-performances criadas como resposta às memórias evocadas durante conversas feitas com mulheres da minha família, como uma forma de trazer para o corpo aquilo que não se pôde ou que não se quis dizer em palavras. São fotografias digitais realizadas nas casas das participantes.





Língua de Fogo

Série, 2023

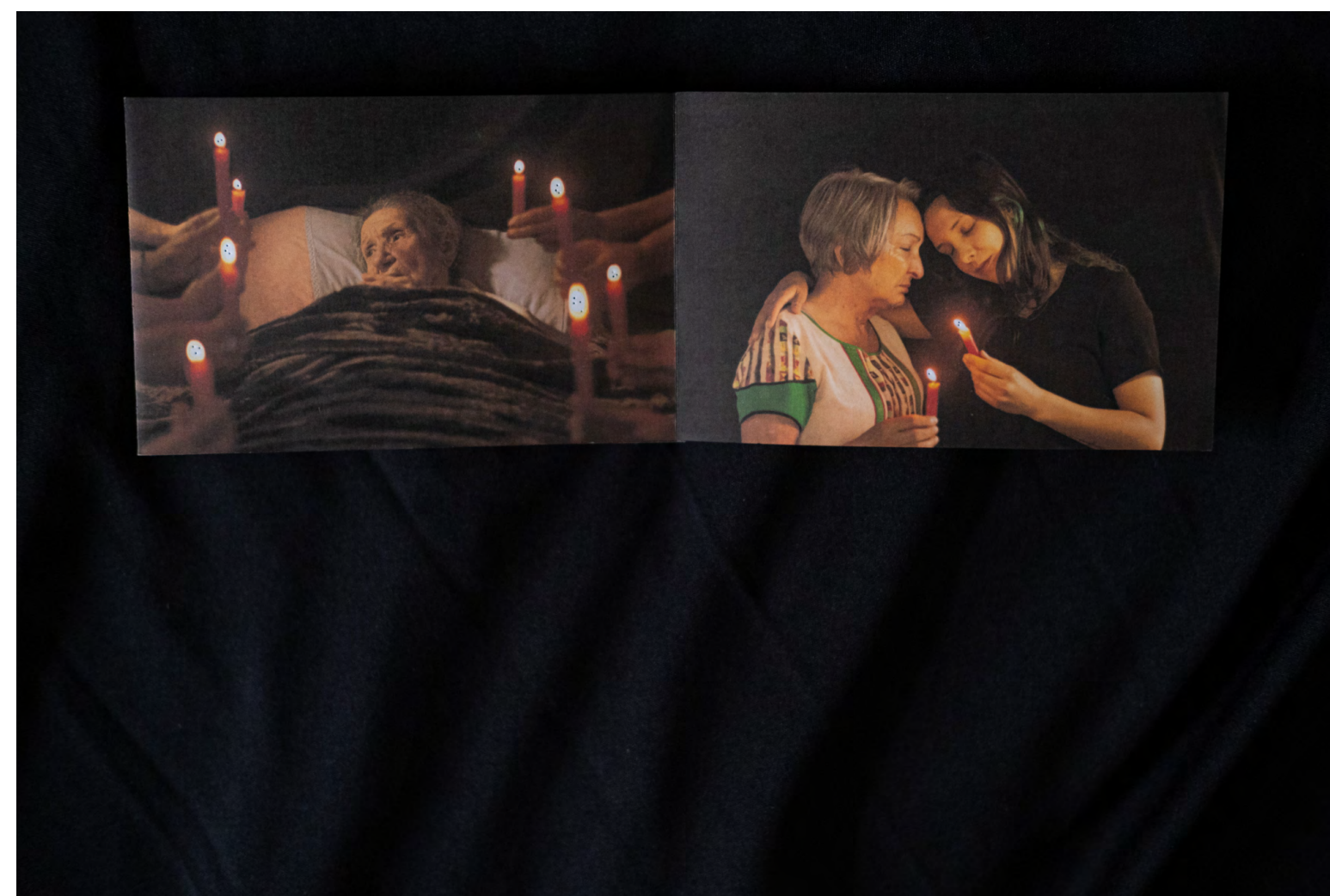
Monique Burigo
Livro de artista + Cartaz:

Sinopse: O livro é uma extensão das foto-performances realizadas com as mulheres da minha família, no qual junto todas as participantes, formando uma enorme língua. O cartaz apresenta uma foto-performance minha com o livro Língua de Fogo, que se transforma em uma grande língua na qual estão impressas as foto-performances.

Ficha Técnica:

Livro Língua de Fogo
14cmx9cm (fechado)

Fotoperformance com o livro Língua de Fogo
Fotografia digital em cartaz colorido
29x42cm





Obra
Manipulável





Línguas de Fogo

Florianópolis /SC,
2025

Monique Burigo

Técnica: Vídeo

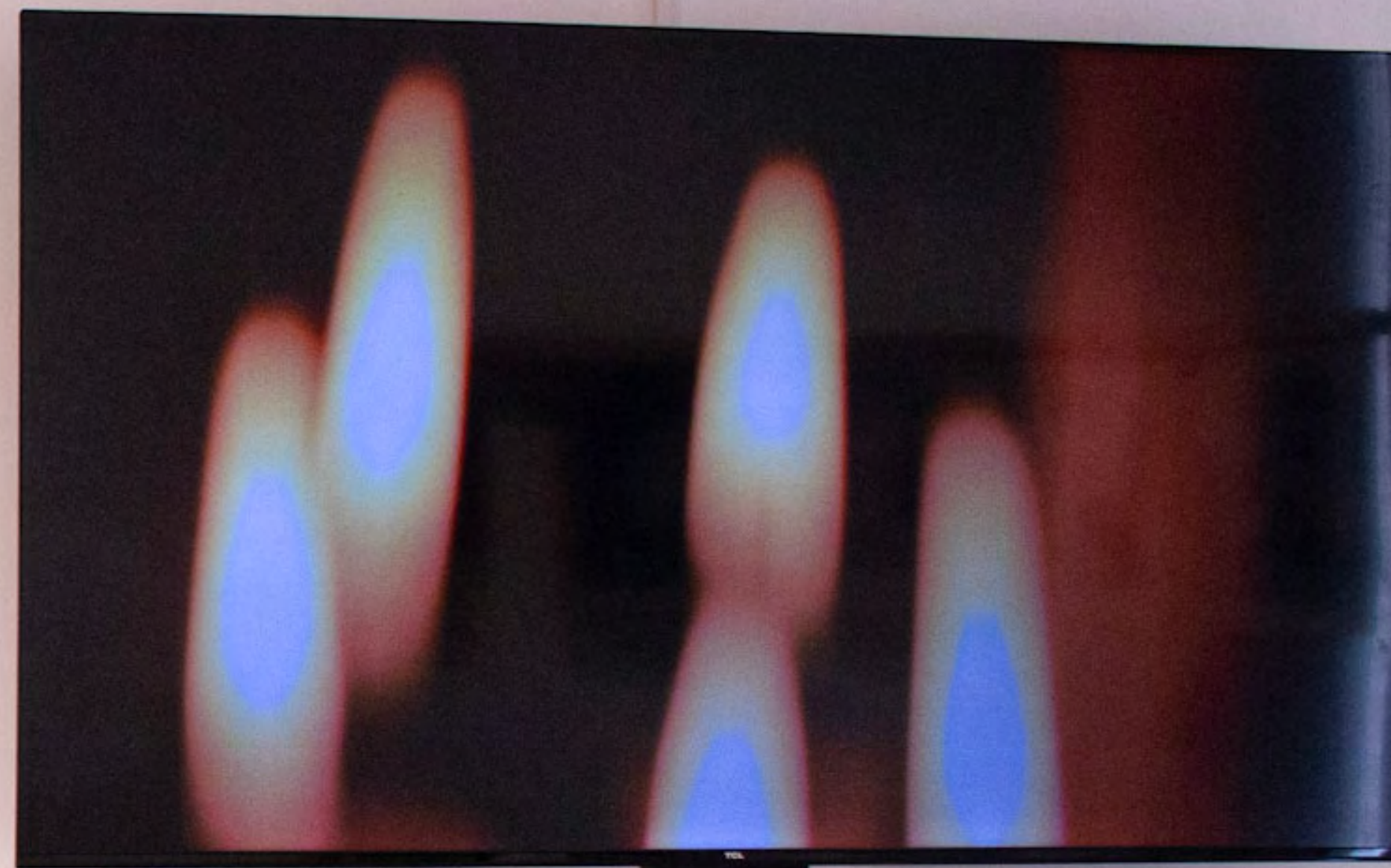
Duração: 21'20"

Acesso: [Vídeo da série Língua de Fogo](#)

Sinopse: O vídeo consiste em um compilado de breves vídeo performances em que interajo com as velas já usadas por outras participantes do projeto, compartilhando silenciosamente minhas próprias memórias e experiências. Este vídeo é intercalado por trechos de áudios gravados durante entrevistas.







Miragem

série, 2022

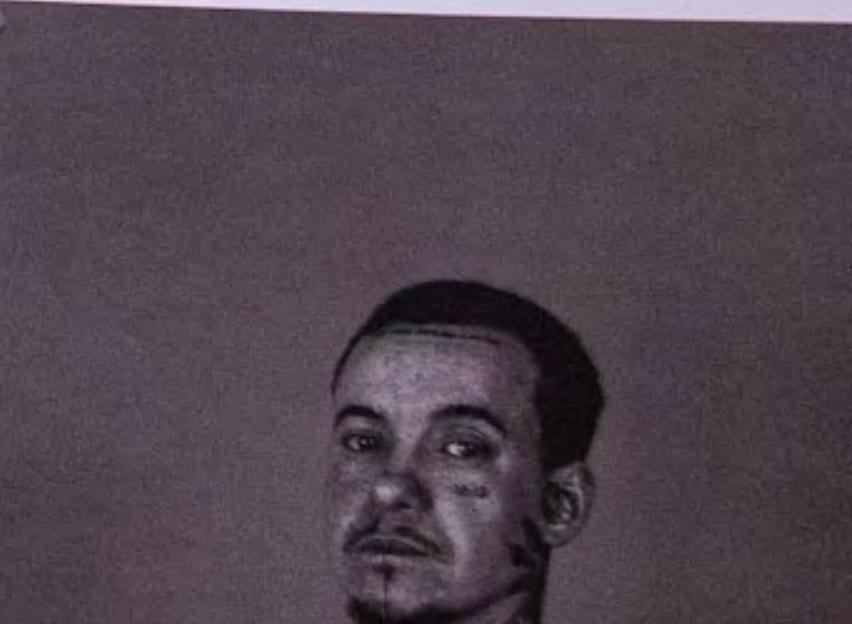
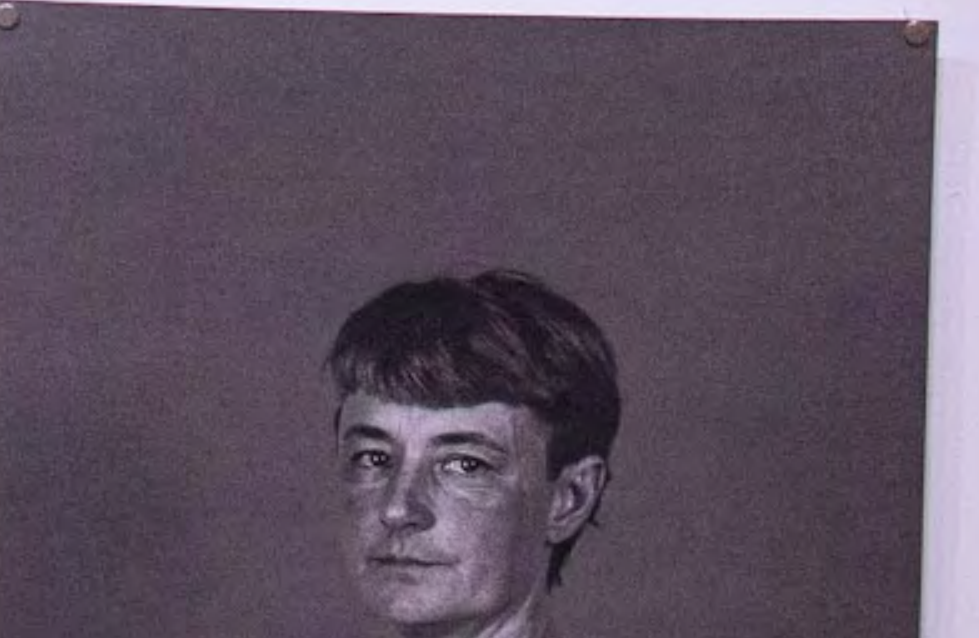
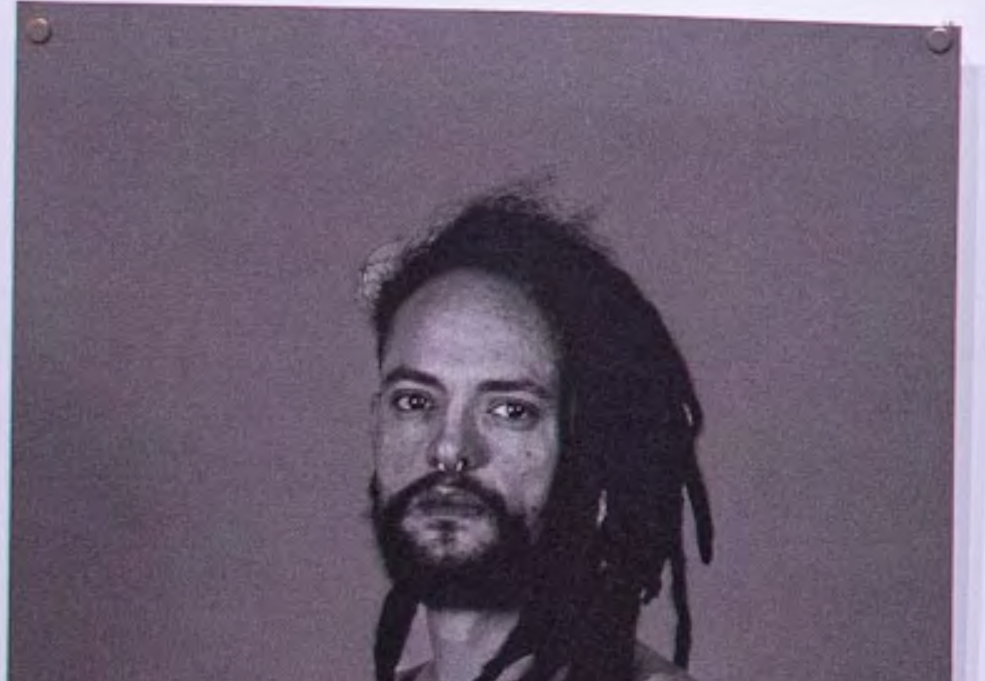
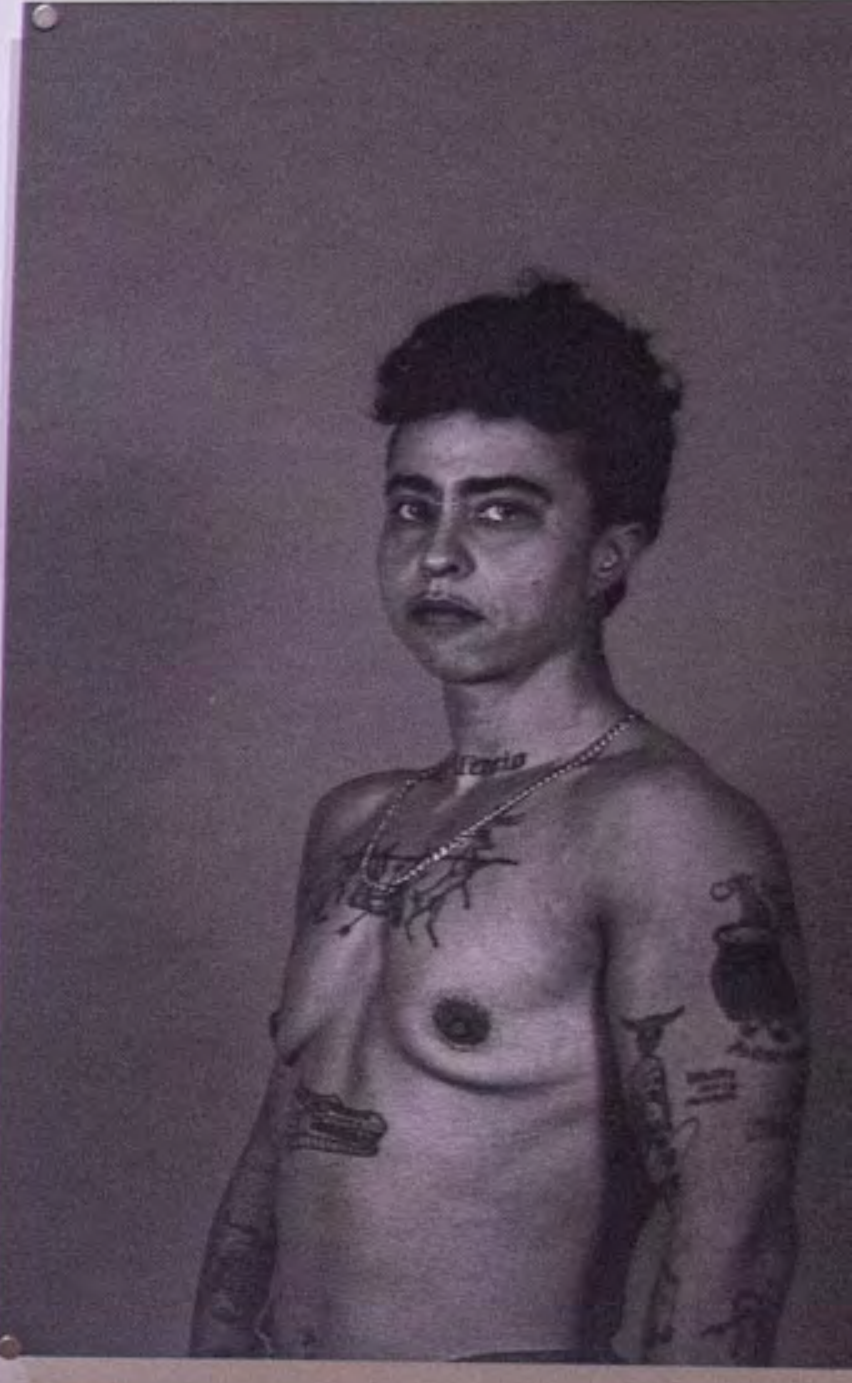
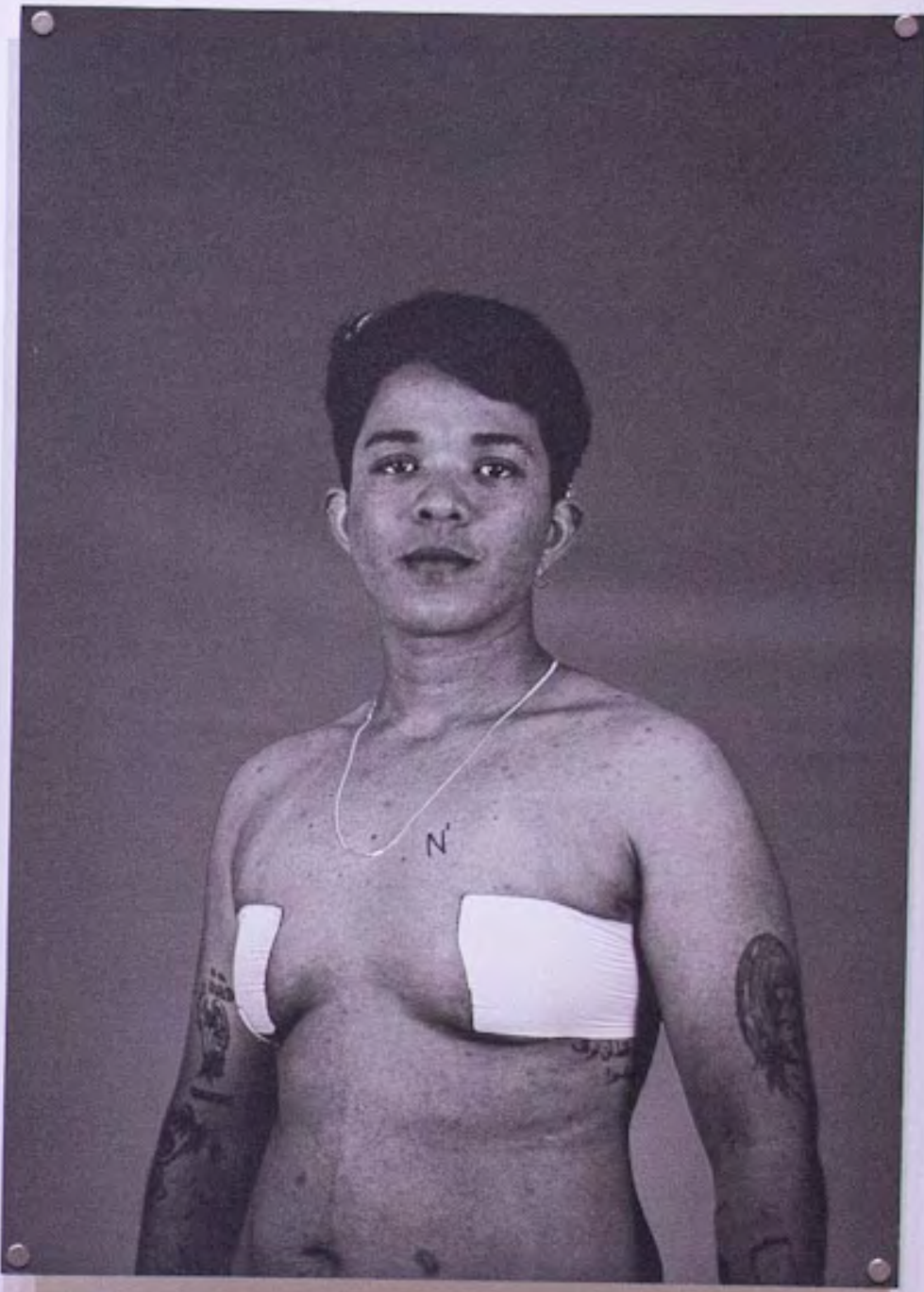
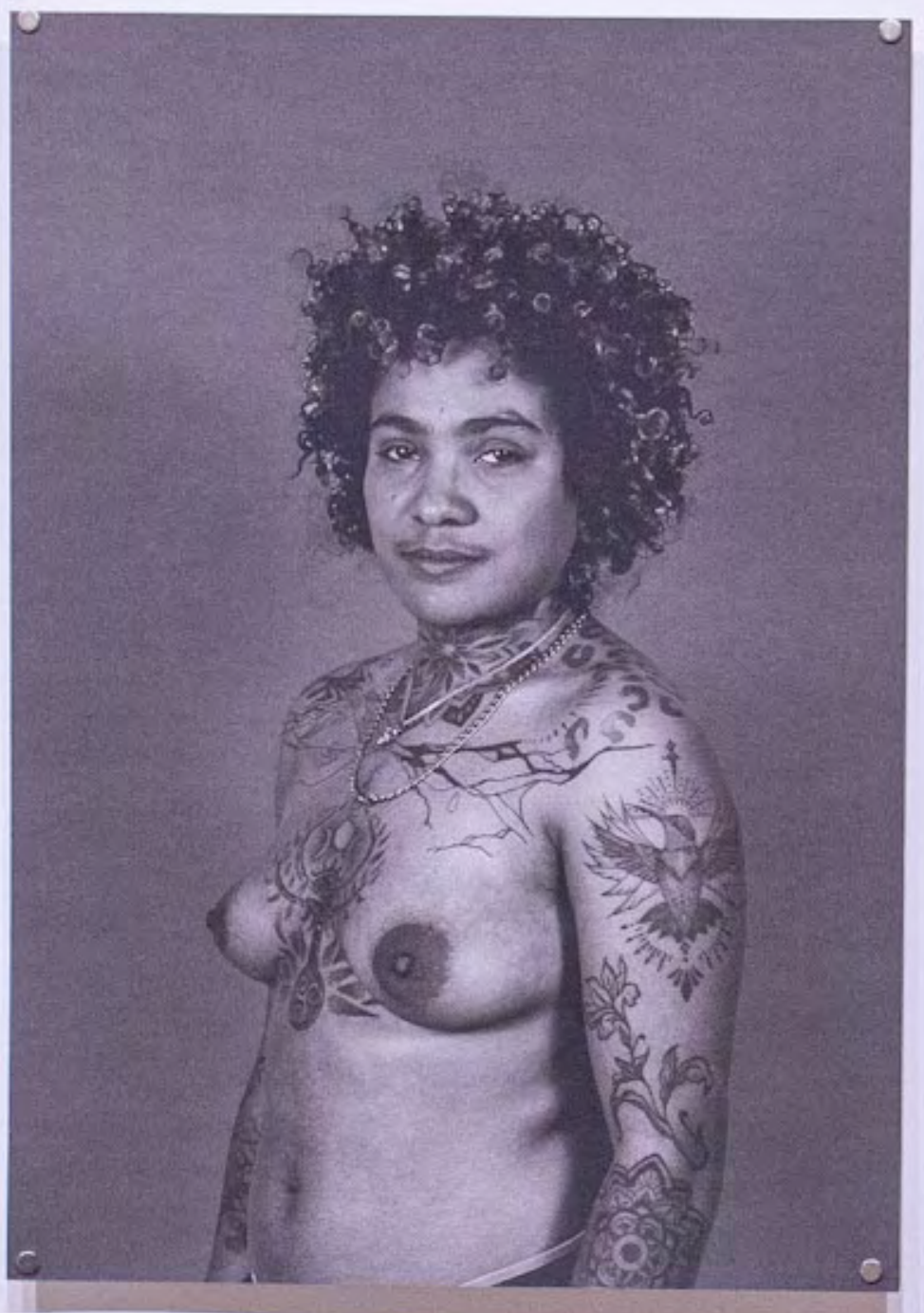
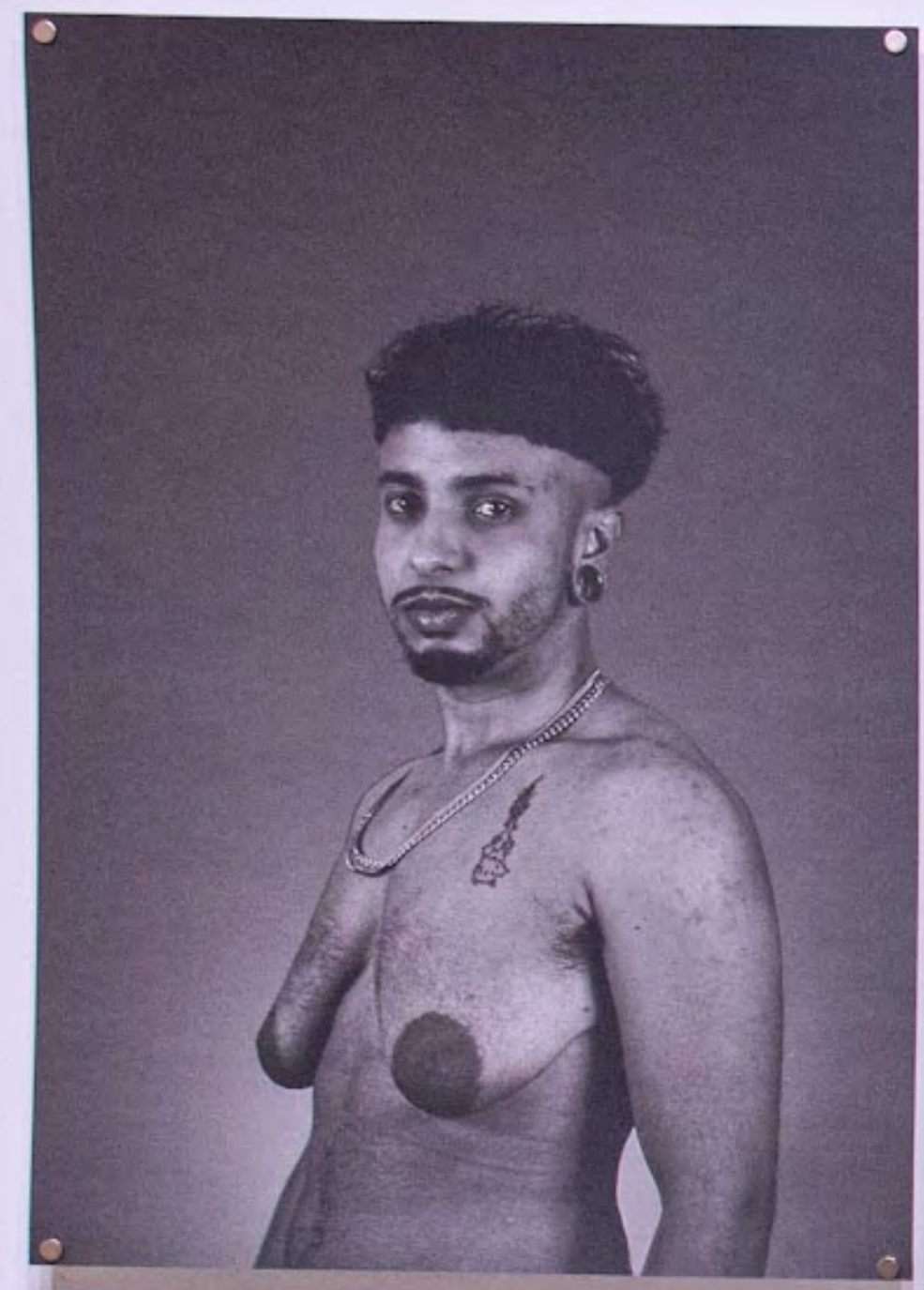
ciber_org

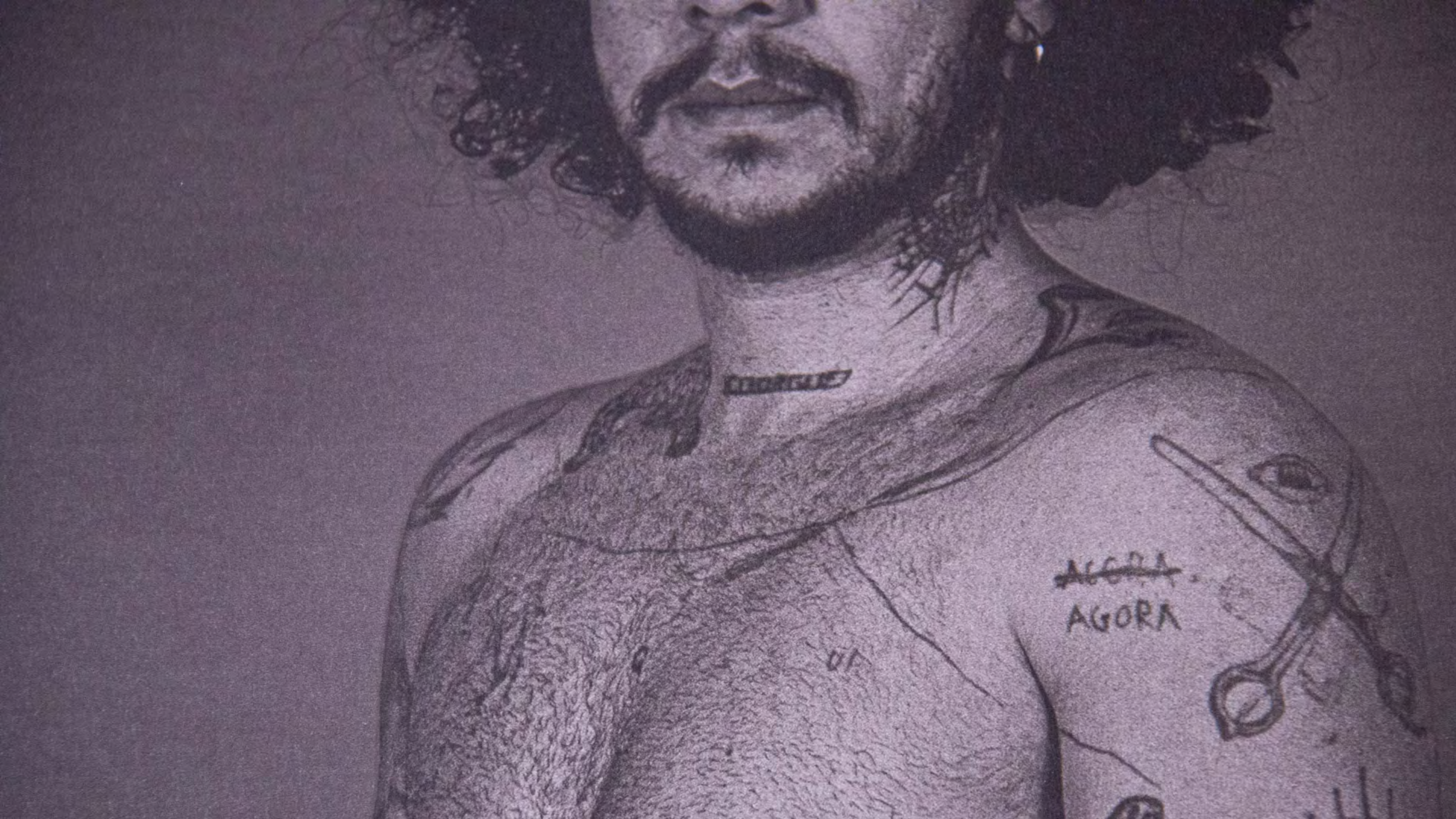
Técnica: Fotografia

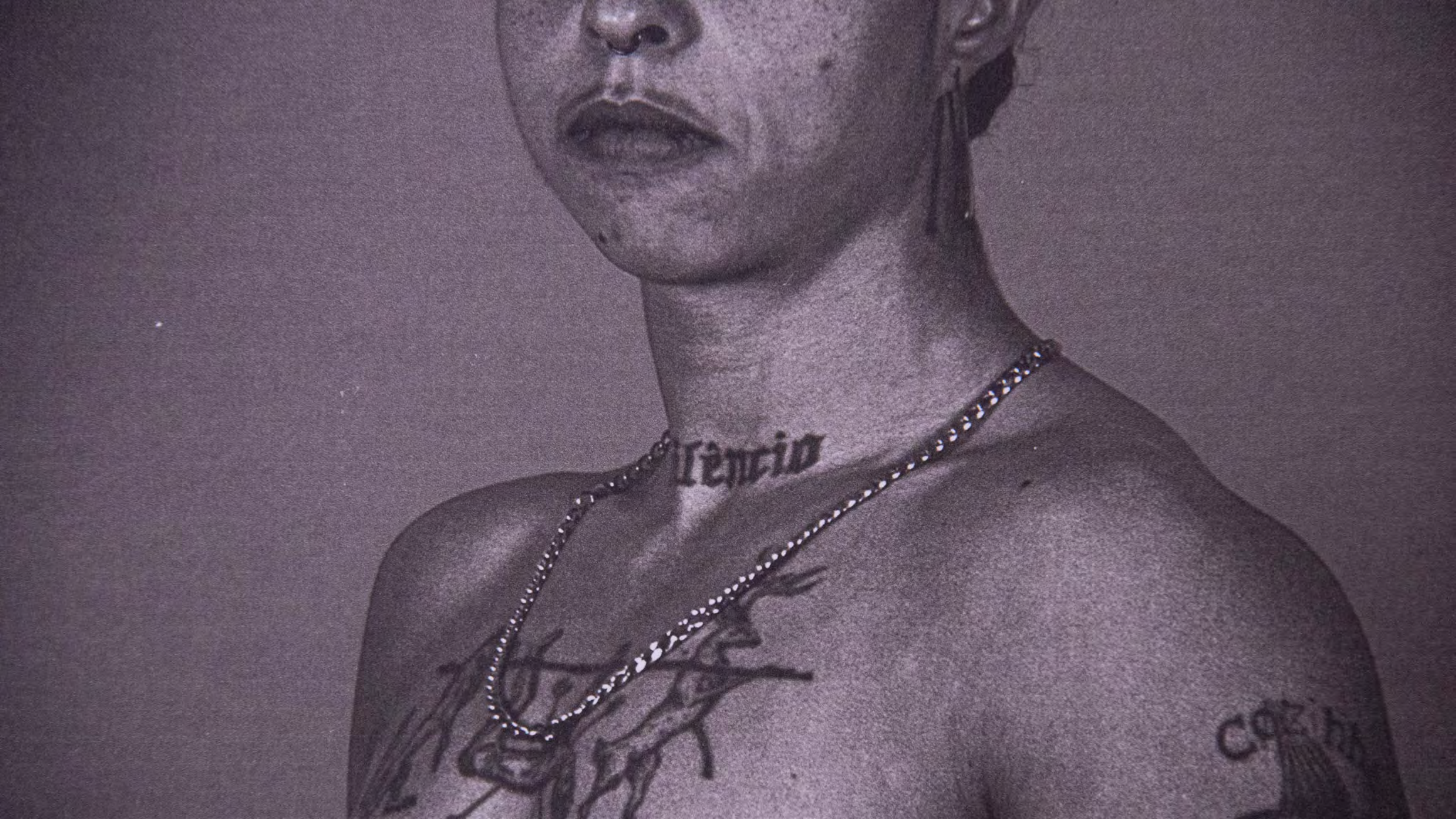
Dimensões: 12 fotografias, 60x42x4cm

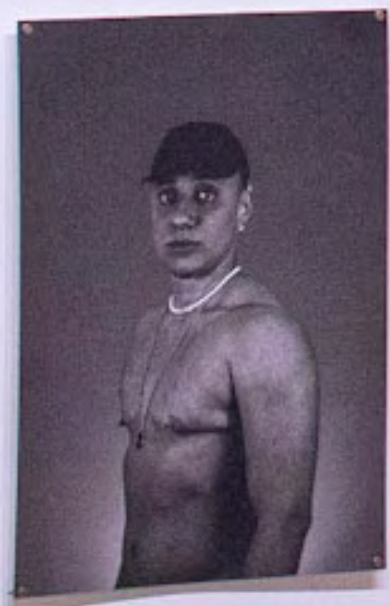
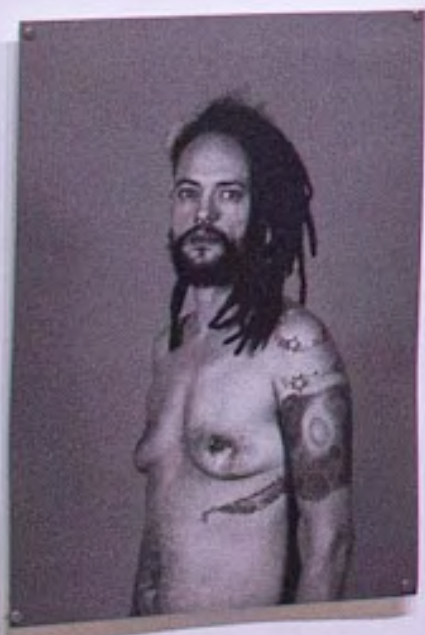
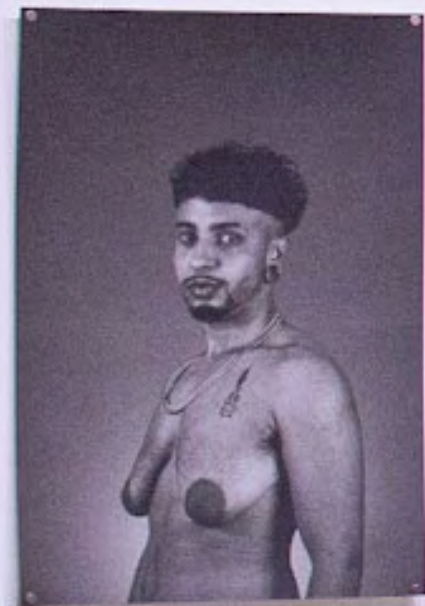
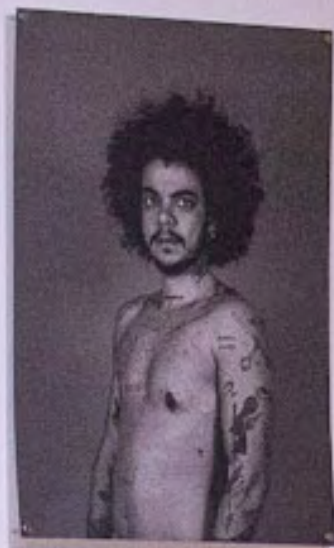
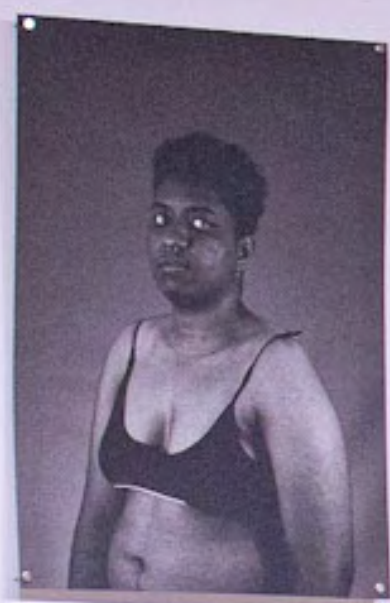
Sinopse: A serie Miragem reúne 15 retratos de pessoas transmasculinas - homens-trans, não-bináries, boycetas, lesbichas, gênero fluido, sapatransmasculinas, travos, bofes, transmascs - de diferentes classes, raças, territórios, idades, credos, orientações sexuais. De torso nu, em preto e branco, sobre um fundo liso, seus olhares retornam ao espectador, convidando-o a confrontar cicatrizes, fitas tape, binders, seios peludos, mamilos costurados, barbas em formação. São imagens que afirmam presenças - vivas apesar das estatísticas -, corpos expostos de peito aberto ao escrutínio da vista.











Artistas Participantes



ciber_org

Investiga a construção da identidade no século XXI, operando triangulações imagético_conceituais que enviesam, borram e suspendem as fronteiras entre real x virtual, online x offline, homem x mulher, humano x máquina. Enquanto artista transmídia, apresenta obras em diversas linguagens, como vídeo arte, instalação, realidade aumentada, escultura, e performance conectada à internet.



Dalva França de Assis

É mulher preta e periférica nascida na cidade de Mauá/SP. Artista urbana, professora, mestre em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC e doutoranda na mesma linha de ensino. Pesquisa sobre racismo estrutural e cura das feridas coloniais na sociedade afrodescendente.



Damiana Bregalda

É artista, curadora, antropóloga e pesquisadora. Pós-doutoranda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, doutora em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia Social e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve trabalhos nas linguagens da performance, fotografia, foto e vídeo-performance, destacando-se a relação entre corpo, território, tempo e palavra.

Artistas Participantes



Eva Lacerda

É Pesquisadora, artista visual e professora. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) - 2016, é mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da UEM (2018). Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UDESC e professora no curso de Artes Visuais da UEM. Ganhadora do Prêmio Aniceto Matti 2019 e 2021 e do Salão Levino Fanzeres (2022).



Geórgia Mendes

É cearense, artista visual e mestre em Artes Visuais pela linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC. Sua pesquisa artística se concentra nas interseções entre arte e feminismo, com foco nas contribuições de artistas visuais nordestinas. Através da prática poética, explora questões autobiogeográficas, estabelecendo conexões com o lugar e com outras artistas.



Isabela Picheth

É artista visual, professora e pesquisadora. Vem pesquisando o corpo dentro do recorte escultórico, produzindo peças a partir do molde do próprio corpo há 8 anos. É doutoranda em artes visuais pelo PPGAV na UDESC, mestra em artes pela FAP/UNESPAR (2023) e graduada em Superior de Pintura pela EM-BAP/ UNESPAR (2019). A artista é membro do coletivo de artistas e Ponto de Cultura Grupo Em-cadeia desde 2019.

Artistas Participantes



Kamile Hannah Freire

É graduanda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina. Transita nos meios das artes e da dança e hoje traz em sua pesquisa questões de negritude, de gênero e autobiográficas conectando sua história de vida com descobertas da história de sua família.



Livia Auler

É artista visual, pesquisadora e doutoranda em Artes Visuais na UDESC. Concluiu o mestrado na linha de História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS e realizou o bacharelado em Artes Visuais na mesma instituição. Possui também graduação em Comunicação Social - Jornalismo. Desenvolve trabalhos em diferentes linguagens artísticas, entre elas a fotografia, o vídeo e a performance. Suas produções investigam, através de uma perspectiva feminista, questões autobiográficas, genealógicas e de memória.



Mariurka Maturell

É artista, curadora, professora e pesquisadora. Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais no CEART/UDESC (Bolsista FAPESC, 2024- Atual). Possui Pós-doutorado em História no PPGH/UDESC (Bolsista CNPQ, 2023-2024). Formada em História da Arte (2003) pela Universidade de Oriente, Cuba. Mestrado em Estudos Cubanos e do Caribe pela mesma Universidade (2015) e Doutorado em História UFSC (2021). Ganhadora do EDITAL N° 032/2024/CEART Prêmio Acadêmico NUDHA/CEART de diversidades Afro-indígenas 2024.

Artistas Participantes



Matheus Solar

É artista multimídia, fotógrafo e pesquisador. Mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG-2021), é doutorando na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC. Ao longo de mais de uma década, cultiva investigações em cosmopoéticas — práticas transdisciplinares que entrelaçam arte, autobiografia, cosmologia, ancestralidade e ecologia no intuito de articular modos poéticos e sensíveis de habitar e reimaginar o mundo.



Monique Burigo

É artista visual, fotógrafa e pesquisadora. Investiga memória, feminismos e os papéis de gênero através da fotografia, vídeo e performance. É doutoranda em Artes Visuais (UDESC), com período na Università di Bologna (Itália). Faz parte do coletivo Arla (Artistas Latino Americanes) desde 2021.



Silvana Macêdo

É artista visual. PhD in Fine Art, Northumbria University, UK (2003), pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, PPGLA/UEA (2023). Pesquisa feminismos contra/anti/de(s)coloniais, e o diálogo entre a arte e ecologia. Professora efetiva do Departamento de Artes Visuais, atuando nas áreas de pintura e multimeios, e no PPGAV- UDESC. Junto com a Profa. Dra. Sandra Favero, coordena o Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas, CNPq/UDESC, e o Programa de Extensão Ações Poéticas.

Ficha Técnica

Ramas Poéticas

Grupo Ramas Poéticas e Museu Victor Meirelles

Realização

Grupo Ramas Poéticas

Direção de Produção

**ciber_org, Damiana Bregalda, Dalva França de Assis,
Eva Lacerda, Geórgia Mendes, Kamile Hannah Freire, Isabela
Picheth, Matheus Solar, Mariurka Maturell Ruiz, Monique Burigo,
Livia Auler, Silvana Macêdo**

Artistas

Silvana Macêdo

Curadoria

Flávio Bruneto

Montagem

Geórgia Mendes

Identidade Visual

Damiana Bregalda

Diálogo Institucional

Geórgia Mendes e Matheus Solar

Diagramação do Catálogo

Monique Burigo

Registros fotográficos

Ficha Técnica

Museu Victor Meirelles

Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos

Conservação

Ticiane Bombassaro Marassi

Programa Educativo e Cultural

Cláudia Klock

Assessoria de Comunicação

Bettina Collaro

Arquitetura

Vanessa Neunzig

Biblioteca Alcídio Mafra de Souza

Gabriela Matilde Daminelli Massotti

Norma Regina Coutinho Rocha

Mariana Machado Laplace

Administrativo

Rita Matos Coitinho

Direção

Simone Rolim de Moura

Chefia de Área Técnica

Gabriela Matilde Daminelli Massotti

Chefia de Serviço Administrativo

Rafael Muniz de Moura

Museologia

Gustavo Henrique Scheidt

Estagiário

Minister

Vigilância

Galahad

Recepção

Grupo AEON

Serviços gerais

Territórios da Memória

museu Victor Meirelles



ibram institutobrasileirode
museus

MINISTÉRIO DA
CULTURA

